

PERNAMBUCO

PORQUÊ VIVER E BOLERO

Todo o discurso amoroso de Xico Sá



GALERIA



CHICO LUDERMIR

“Poucos lugares reúnem tanta diversidade quanto o metrô. Gente de todo tipo indo para o trabalho, para a escola, para a festa; voltando do zoológico, da feira, da casa da sogra; pregando crenças ou vendendo drops. Os vagões integram a vida de dezenas de milhares de pessoas. Essa foto foi tirada na estação Coqueiral do Metrorec (Metrô do Recife) e faz parte do ensaio *Coletivo*”.

<http://www.flickr.com/photos/chicoludermir>

CARTA DO EDITOR

“Se achar que é importante ser um escritor profissional, deve, sim, buscar ser um profissional. Agora, para isso, ele deve levar muito a sério o que faz, não achar que pode escrever uma coisinha aqui, outra ali; deve ler muito, deve se aprimorar, escrever, retocar, escrever, retocar, sem pressa. Isso é importante: quem escreve deve ter paciência, muita paciência.” Com essa frase, o autor Flávio Carneiro, em inspirada entrevista ao crítico Cristhiano Aguiar, repassa a receita para qualquer aspirante a literato ter a possibilidade de conseguir alcançar uma posição na qual se sinta confortável com o resultado de seu ofício.

Ao que parece, Francisco Reginaldo de Sá Menezes seguiu esse processo a risca até se tornar Xico Sá, escritor cujo estilo espontâneo e despojado vem conquistando cada vez mais leitores país afora. **Pernambuco** traça um perfil do homem para entender o que se passa na cabeça do autor. Para essa missão, foram escaladas duas profissionais de senso apurado: as jornalistas Daniela Arrais e Flávia de Gusmão. A primeira teceu uma narrativa sobre as aventuras e desventuras do jovem cearense, radicado no Recife, até chegar aos melhores impressos do país e, propriamente, à literatura. A segunda, conhecedora da causa *xico saniana*, que assina uma coluna dominical no *Jornal do Commercio* sobre as

dificuldades das relações amorosas, elaborou uma análise bem-humorada desse cabra da peste.

Dentre os textos notáveis desta edição, destacamos o da professora e doutora em História Kalina Vanderlei a respeito da criação do conceito de sertão. A pesquisadora, que está lançando pela Cepe o livro *Nas solidões vastas e assustadoras: A conquista do sertão de Pernambuco pelas vilas açucareiras nos séculos XVII e XVIII*, teceu um elucidativo ensaio no qual defende que a definição dessa região foi concebida de forma equivocada pela elite escravista e açucareira do Nordeste. Segundo Kalina, o Sertão como um espaço político, físico, geográfico e social delimitado, é um conceito recente e originário do cientificismo do século 19.

Outro texto interessante é o do escritor Eduardo Brandão, tradutor da obra de Roberto Bolano lançada pela Companhia das Letras, que revela as vantagens e os dissabores desta função primordial na literatura. O autor desfaz o mito de que tradução é recriação, uma coautoria. Para ele, isso pode ser verdade na poesia, onde o poeta que verte outro poeta acaba por criar um novo poema, “mas na prosa essa ideia é incabível, salvo em casos excepcionais.” Sem dúvida, Brandão redigiu um artigo revelador, que é – mais uma – excelente opção de leitura nesta edição.

PERNAMBUCO

GOVERNO DO ESTADO
DE PERNAMBUCO
Governador
Eduardo Campos

Secretário da Casa Civil
Ricardo Leitão

COMPANHIA EDITORA
DE PERNAMBUCO – CEPE

Presidente
Leda Alves
Diretor de Produção e Edição
Ricardo Melo
Diretor Administrativo e Financeiro
Bráulio Menezes

CONSELHO EDITORIAL:
Mário Hélio (Presidente)
Antônio Portela
José Luiz da Mota Menezes
Luís Augusto Reis
Luzilá Gonçalves Ferreira

SUPERINTENDENTE DE EDIÇÃO
Adriana Dória Matos

SUPERINTENDENTE DE CRIAÇÃO
Luiz Arrais

EDIÇÃO
Raimundo Carrero e Schneider Carpeggiani

REDAÇÃO
Mariza Pontes e Marco Polo

ARTE, FOTOGRAFIA E REVISÃO
Gilson Oliveira, Hallina Beltrão, Karina Freitas,
Militão Marques e Sebastião Corrêa

PRODUÇÃO GRÁFICA
Eliseu Souza, Joselma Firmino, Júlio Gonçalves, Roberto
Bandeira e Sóstenes Fernandes

MARKETING E PUBLICIDADE
Alexandre Monteiro, Armando Lemos e Rosana Galvão

COMERCIAL E CIRCULAÇÃO
Gilberto Silva



PERNAMBUCO é uma publicação da
Companhia Editora de Pernambuco – CEPE
Rua Coelho Leite, 530 – Santo Amaro – Recife
CEP: 50100-140

Contatos com a Redação
3183.2787 | redacao@suplementope.com.br

BASTIDORES

Colecionador de ideias incompletas

Convidado da Fliporto 2010 descreve a obsessão criativa por trás do seu novo romance

Ronaldo Wrobel

HALLINA BELTRÃO



As ideias me ocorrem de repente, sem aviso prévio. Em geral são trechos avulsos que não chegam a formar uma história. Ou então são tramas quase completas, faltando algum parafuso, um elo fundamental. Nessas horas fico ansioso, obcecado atrás da solução. Um dia finalmente vem o lampejo, mas com a provável ressalva de ser o lampejo de outra história, totalmente diferente, às vezes também incompleta. Sou um colecionador de ideias incompletas, que vão sendo anotadas num caderno para futuras necessidades. Mas esse acervo deve ser usado com cuidado, sem encaixes forçados ou soluções artificiais. Enredos com muitos detalhes e artimanhas lembram aquelas mulheres maquiadas demais ou os pratos incrementados dos restaurantes. Coisas boas são simples. Um cozinheiro me explicou que os peixes mais frescos são usados nos pratos básicos, enquanto cremes e temperos disfarçam o sabor dos outros. Assim são as melhores histórias: definem-se em poucas palavras.

Costumo dizer que a escuridão do escritor é branca. Preencher páginas em branco é como abrir uma picada na selva. Há perigos nem sempre evidentes como repetições, excessos ou impertinências. Então é preciso refazer o caminho ou parar tudo, sem medo de começar de novo. Revisar também pode ser uma tarefa cruel porque ótimas ideias podem não funcionar, feito joias descombinadas com a roupa ou a ocasião. Certa vez eu não sabia o que fazer com um personagem adorável. Tentei aproveitá-lo à exaustão, mas não deu. Foi-se embora. Outro exemplo: no romance *Traduzindo Hannah*, uma pitoresca viagem para a Amazônia, alvo de muita pesquisa, foi deletada a sangue frio porque sua função na história podia ser cumprida de outro modo, bem mais simples e eficiente. Vivo questionando a função de cada fato, personagem, elemento, tentando poupar o leitor de esforços desnecessários.

Alguém poderá me tachar de pragmático. Sou, sim, mas também admito alguns luxos em nome do estilo e da reflexão. Adoro mesclar a narrativa com devaneios que beiram a poesia, recorrendo a palavras nem tão coloquiais para refinar certas frases. A síntese é minha meta permanente, talvez porque eu goste de roteiros de cinema. Filmes devem ser rápidos e claros na mensagem, o que não é obrigatório na literatura. Busco o meio-termo, sem as limitações e urgências da linguagem audiovisual, mas sempre afeito à imagem, enxergando cada cena antes de escrevê-la. Até trilhas sonoras já andei inventando. Minha matriz criativa é “imagética”, como diriam os cineastas.

Admiro o bom estilo, capaz de enriquecer e até sustentar histórias. É o caso dos contos *O monstro* ou *O violoncelista Porto*, de Josué Montello. Mario Vargas Llosa também dá um show com *Tia Júlia e o escrevinhador*, abusando da ironia. Procuo embelezar cada frase porque obras de ficção são mentirosas e as mentiras, ao contrário das verdades, têm de ser sedutoras. É a velha tática dos prescindíveis: agradar para não ser

descartado. Mas... agradar como? Aí mora o perigo, pois o texto lúdico não tem os parâmetros da escrita funcional. O céu é um limite implacável quando se busca um teto.

Posso levar semanas reescrevendo uma página até achar “o ponto certo”. Ano passado, gastei boa parte de um sábado detido na descrição de uma tarde chuvosa. Lá pelas tantas, peguei o guarda-chuva e saí para almoçar. O vizinho ficou chocado: era um dia ensolarado. Dá nisso conviver com personagens, cenários, ambientes mais palpáveis (e convidativos) do que a própria realidade. E as divagações? Não acabam nunca, para a agonia daquilo e daqueles que pedem sua atenção.

Conforme um livro avança, sua liberdade criativa tende a diminuir. Chega o dia em que os personagens se rebelam contra suas ordens e invocam a página 17 ou o capítulo 4. Afinal, eles já têm passado, princípios e vontades. Então você negocia, busca alternativas. Ou, simplesmente, muda a página 17 e o capítulo 4, o que requer extremo cuidado porque, num romance, tudo se comunica e é preciso conferir as repercussões (nem sempre triviais) da mudança.

Terminado o “primeiro tratamento”, vêm as revisões e algumas surpresas. Escrever um romance pode levar anos, sendo natural que o autor viva suas “fases”. Por exemplo, a fase dos diálogos cortantes, dos adjetivos, das frases curtas ou até de determinadas palavras. Certo dia, descobri que a palavra “virtualmente” aparecia quatro vezes num único capítulo, para nunca mais dar as caras. Também já encontrei a mesmíssima frase em páginas diferentes. Aí vem a missão de harmonizar o texto, de evitar modismos, redundâncias e discrepâncias antes que o livro vire uma colcha de retalhos.

Criar e escrever são ofícios que demandam solidão e um tempo interior destoante do tempo cronológico. Gasta-se um dia inteiro às voltas com um verbo ou com um impasse qualquer. Três horas passam em três minutos. É preciso ter papel e caneta à mão, porque o lampejo costuma acontecer nas horas impróprias. E lampejos não faltam quando se está, digamos, na página 180 de um romance. Mesmo aquilo que se pensava concluído pode desmoronar. Basta uma ideia melhor e um tantinho de coragem para mudar tudo (ou quase tudo, o que dá no mesmo).

Concluir a história também é desafiador. Não só em termos criativos, mas porque é difícil emancipar os personagens, perder sua afável companhia e deixar o ambiente onde você se sentia tão confortável. É como mudar de casa, de emprego, de amigos, de amor. Um exílio forçado. Fica uma saudade aflita e a vontade de rever, melhorar, rematar. Mas é preciso largar o osso, arrumar a trouxa e botar o pé na estrada atrás de outra história, porque aquela já não lhe pertence.

Ronaldo Wrobel é autor de *Propósitos do acaso* e *Nossas festas*. O romance *Traduzindo Hannah* será lançado durante a Fliporto 2010.

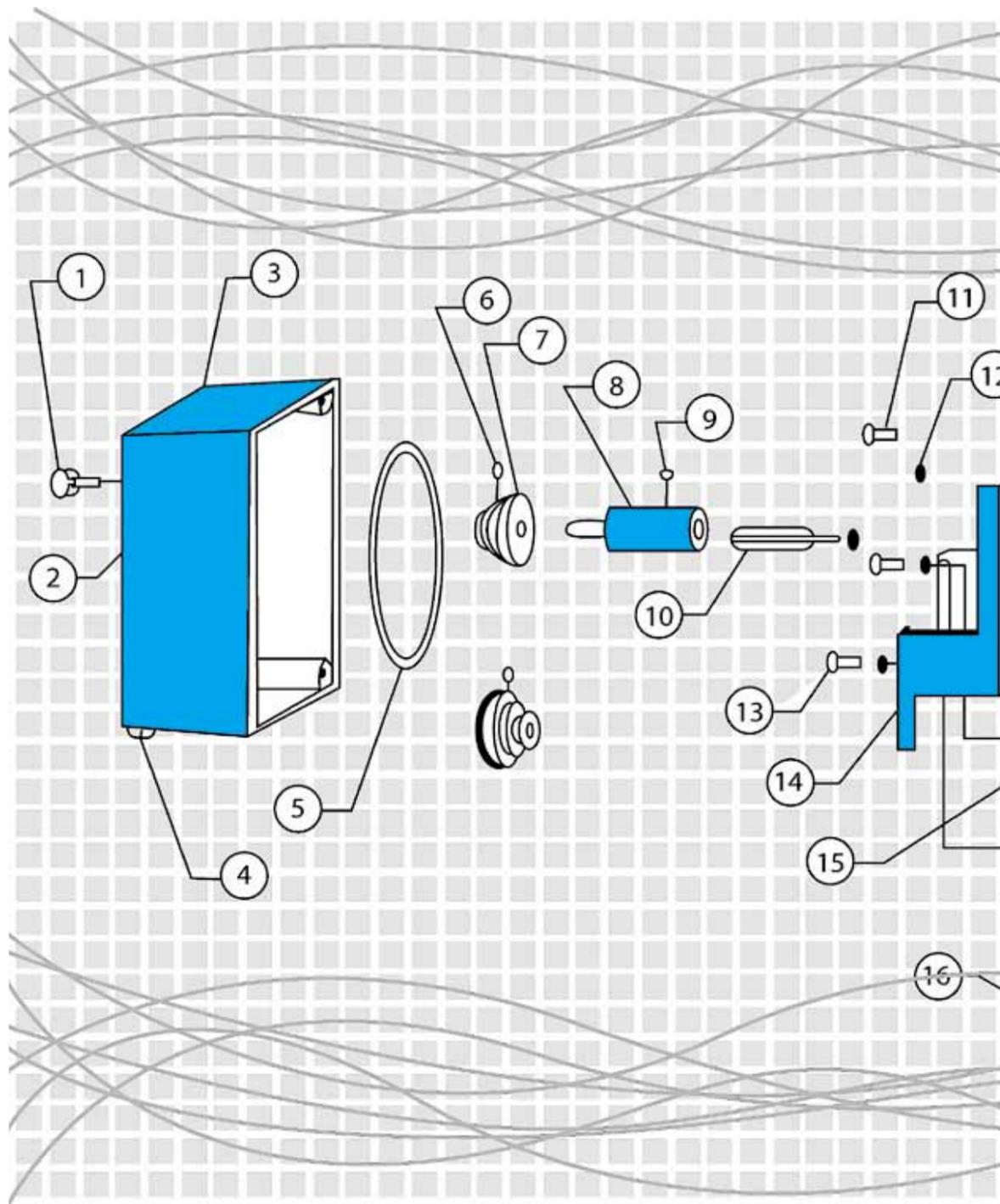


ARTIGO

Olhar cristalino de um homem inadequado

Livro de Gonçalo Tavares revela semelhanças com tema de Walter Benjamin

Paulo Carvalho



Hannah Arendt, para quem a irreflexão tornara-se a principal característica de uma era “à mercê de qualquer engenhoca tecnicamente possível”, escreveu em célebre seção de *Homens em tempos sombrios* (Cia. das Letras), dedicada ao pensador alemão Walter Benjamin: “ele tinha paixão pelas coisas pequenas, até minúsculas”.

Perseguido pela má sorte (pelo fantasma do Sr. Desajeitado, como invocava a mãe do filósofo e as demais mães da Alemanha quando as crianças, desastradas, incorriam nas “pequenas catástrofes da infância”), Benjamin protagonizou casos extravagantes que o levaram à mesma galeria dos eclipsados Franz Kafka e Robert Walser, para ficar em alguns nomes. Sobre Kafka, aliás, o filósofo explicaria como que para si mesmo: “um entendimento de sua produção envolve, entre outras coisas, o simples reconhecimento de que ele foi um fracasso”.

A respeito de suas esquisitices, o professor de mística judaica Gersholm Scholem (por quem Benjamin foi bastante influenciado) conta que o filósofo era obcecado pela ideia de colocar 100 linhas escritas em cada página de seus cadernos de notas. Colecionava livros infantis raros ou de autores “mentalmente perturbados” (palavras com as quais Arendt também define o filósofo), que “não serviam para nada, nem para divertir, nem para instruir”: Benjamin não se interessava por psicologia infantil nem psiquiatria. Scholem, não esquece, além disso, do culto que o teórico rendia a dois grãos de trigo da seção judaica do Museu Cluny, em Paris, nos quais se encontrava a inscrição do Shemá Israel, palavras iniciais da Torá.

Talvez bastasse dizer, nesta introdução, que a indecibilidade inscrita ao longo do pensamento benjaminiano (ambíguo, dado que uma luta justamente contra a acedia e o tédio) expressou-se

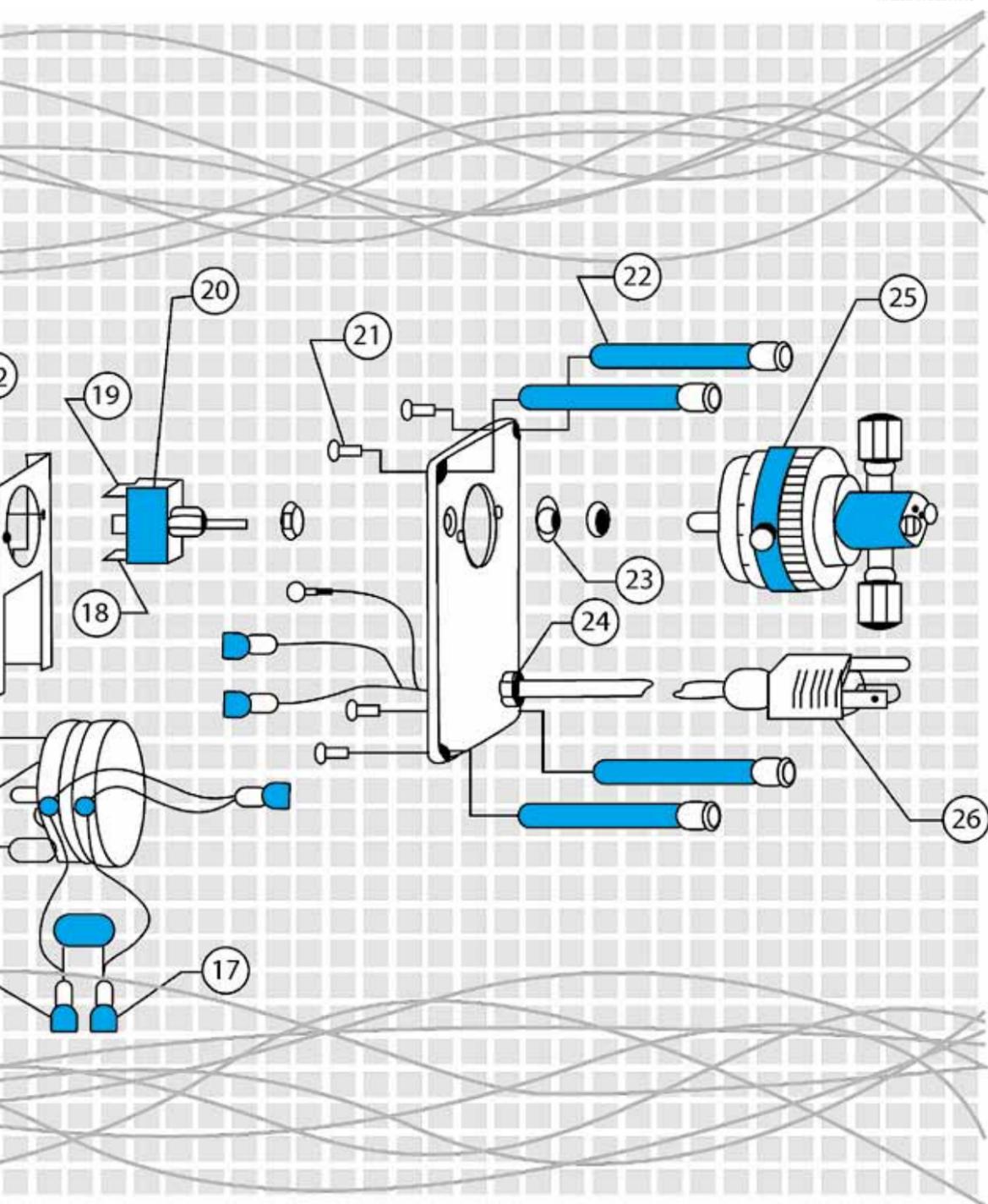
tragicamente no episódio da morte do pensador: o azar de Benjamin foi metastático.

Como lembra Leandro Konder (*O marxismo da melancolia*, Civilização Brasileira), Benjamin, dividido pelas amizades de Theodor Adorno, Scholem e Berthold Brecht (judeus que se odiavam e viviam, durante a Segunda Guerra, em países de fronteira segura), foi incapaz de decidir para onde fugiria caso os alemães chegassem a Paris, onde então vivia desde 1933. Acabou tirando a própria vida, em 1940, antes de conseguir cruzar a fronteira franco-espanhola. Na tentativa frustrada de fuga, um fato lhe tiraria de vez as esperanças: a Gestapo confiscara seu apartamento parisiense, e com ele, seu verdadeiro e único patrimônio, a biblioteca.

(E pensar, como lamenta Michael Löwy – *Walter Benjamin: aviso de incêndio*, Boitempo –, que o pensador poderia ter composto o quadro docente da Universidade de São Paulo, na ocasião em que o filólogo Erich Auerbach enviou-lhe correspondência, em 1935, falando sobre a vaga na cadeira de Literatura Alemã. Mais uma vez o azar: “Que pena! Por culpa de alguma instância incompetente...”)

A paixão pelas “grandezas do ínfimo”, não se tratava, contudo, de capricho. Benjamin, como bem indica Arendt, cria (sim, trata-se de uma teoria mística, ou de uma teologia acadêmica) ser possível encontrar, no mundo, algo concreto em que coincidiriam significado e aparência, palavra e coisa, ideia e experiência. Para Benjamin (assim distanciado de caminhos tradicionais do marxismo e do materialismo histórico) quanto menor fosse o objeto (sua letra no caderno de anotações ou grãos de trigo), mais pareceria provável que este contivesse “tudo sobre sob a mais concentrada forma”. Nos grãos de trigo, todo o Shemá Israel, e assim, também, todo o judaísmo: “a mais minúscula essência aparecendo na mais minúscula entidade”.

HALLINA BELTRÃO



É exatamente neste sentido que o filósofo tinha o colecionismo em boa conta: o gosto por reunir objetos sem uso (a miudeza é, sobretudo, uma questão ligada à utilidade) em um universo que só interessava a si mesmo, traduzia, em suas palavras, a “tentativa de capturar o retrato da história nas representações mais insignificantes da realidade, por assim dizer em suas rasgas”.

A metodologia de Benjamin é infantil ou perulária no desejo de transfigurar objetos, profaná-los, tal como faz uma criança ou alguém muito rico: em ambos os casos o desinteresse pela coisa, por seu uso (e quanto prazer há nisso!), é justamente o que permitiria a emergência de sua beleza.

O fato é que, para Benjamin, não apenas objetos de arte se ofereciam ao colecionador: qualquer coisa poderia ser retirada do mundo, e através de uma subtração (objetos colecionados perderiam a característica de ser meio para um fim), revelar seu valor intrínseco: espécie de redenção das coisas consubstancial à redenção do homem no projeto marxista.

Susan Sontag, evocando o “magistral ensaio” de Arendt, aqui tão citado, lembra-nos por fim que talvez não houvesse nada mais característico em Benjamin do que cadernos onde colecionava citações (como ‘pérolas’ e ‘corais’ que a vida lançava-lhe em sua rede).

Estes cadernos, pois, possuíam capas pretas.

OS LIVROS PRETOS

Recentemente publicado no Brasil, *A máquina de Joseph Walser* (Cia. das Letras, 2010), do português Gonçalo M. Tavares foi o último de quatro romances da série *O Reino* a ser editado pela casa paulista. A quadrilogia – composta ainda pelos títulos *Aprender a rezar na era da técnica* (2008), *Um*

homem: Klaus Klump (2007) e *Jerusalém* (2006) – recebeu sugestivamente, no país de seu autor, o nome “livros pretos”.

A referência às capas e contracapas completamente pretas e sem ilustrações (projeto da lisboeta Caminho), certamente não seria suficiente para ligá-las ao universo benjaminiano. Entretanto, a prolífica prosa de Tavares (desde que foi editado pela primeira vez, há dez anos, aos 30 de idade, o autor já jogou no mercado 24 livros) revela a atmosfera irrespirável do estado de exceção, um tema central para Walter Benjamin, aqui tratada como a legitimação política da “cobardia mútua”.

Tavares, cuja ficção levou José Saramago a declarar, certa vez, que gostaria de batê-lo de tão bem escrita (“Não tem o direito de escrever tão bem com apenas 35 anos”), lança-nos nas minuciosas maldades de um regime político para o qual o corpo e o conhecimento dele extraído desempenham papel central nos cálculos e estratégias do poder. Interessa-lhe a política que é biopolítica, e onde nenhuma outra figura é mais “democrática” do que o onipresente campo de concentração.

E, perceba, é exatamente por anteverem a maneira como o fascismo se articula na democracia (ou seja, como as instituições para solucionar problemas são também elaboradas para criar os problemas), que as narrativas da série *O Reino* tomam os dispositivos de esquadramento e docilização do sujeito moderno enquanto protagonistas (o hospital – em *Aprender a rezar na era técnica*; o hospício – em *Jerusalém*; a prisão – em *Um homem: Klaus Klump*; a fábrica – em *A máquina de Joseph Walser*).

O sofrimento do “homem bom” Joseph Walser, um operário estranho e de poucas palavras, às voltas com uma mulher adúltera, com uma máquina implacável e uma coleção inútil (como

há de ser) de peças de metal que encontrava pelo chão (sempre “menores que dez centímetros”), atravessa a mesma questão presente em um dos textos filosóficos e políticos mais importantes do século 20, o sibilino *Sobre o conceito de história*, escrito por Benjamin no ano de sua morte. Em tantas passagens místicas, vê-se com o olhar cristalino de um homem inadequado, pequeno qual um grão de trigo: “o ‘estado de exceção’ em que vivemos é na verdade a regra geral”.

O italiano Giorgio Agamben (*Estado de exceção e profanações*, Boitempo; *O que é o contemporâneo e outros ensaios*, Argos), o mais arguto comentarista contemporâneo de Benjamin, definirá o referido estado de exceção, como a prática essencial dos Estados contemporâneos, entre os quais os chamados democráticos: uma guerra civil legal que permitiria a eliminação física “não só dos adversários políticos, mas também de categorias inteiras de cidadãos que, por qualquer razão, pareçam não mais integráveis ao sistema político”.

Em todos os quatro “livros pretos”, note, o tema da guerra (que vem destruir o estado de direito para restabelecê-lo de maneira igual a todos, mas sempre de forma mais violenta sobre os perdedores) é manifesto ou latente, como o cheiro de um cavalo morto em uma rua.

O leitor de Tavares deve possuir estômago ao ser conduzido por bairros onde “a maldade é uma categoria do raciocínio”, ou seja, onde a violência e o poder jurídico são consubstanciais. Impossível lê-lo sem sentir-se nauseado: seja em função de nosso pacto de covardia, apoiado sobre a vontade comum de “ter um senhor grande” porque “receber ordens grandes e fortes dá mais segurança do que receber ordens fracas”; seja pelo domínio absoluto exercido pelos incontáveis dispositivos da tecnoburocracia (um conjunto de práxis, de saberes, de medidas, de instituições cujo objetivo seria “gerir, governar, controlar e orientar” os gestos e os pensamentos dos homens), no último “livro preto”, sintetizados materialmente por uma máquina industrial.

Joseph Walser (ainda que Tavares afirme, com alguma ironia, tratar-se de mera coincidência de sobrenome), deseja à maneira de Robert Walser, ou de seu jovem personagem Jakob Von Gunten (trancafiado em outro dispositivo, a escola), do romance de mesmo nome (*Relógio d’água*), tornar-se um enigma para si próprio. Grotesco, ridículo às vezes, cultiva o desejo familiar aos eclipsados de ser “no futuro um zero à esquerda, um zero muito redondo encantador” e com isso reafirmar sua luta contra a submissão ao poder, contra a “vida nua”, contra o estado de direito (sagrado) onde tudo é necessário e quase nada é possível.

Encontrar a potência do não ser, retornemos às “medidas ínfimas” de Benjamin, trata-se de uma operação infantil: equivale a buscar a infância, ou seja, a “capacidade de jogar e de amar”, liberdade para “viver na intimidade de um ser estranho, não para fazê-lo conhecido, e sim para estar ao lado dele sem medo de ficar entre o dizível e o indizível”.

“Era o espaço infantil da casa”, afirmará o narrador de Tavares sobre o cômodo secreto onde Joseph Walser colecionava suas peças estranhas. No interior do mesmo quarto, sobre a mesa do personagem, “um caderno de capa preta, ao lado uma régua de cor cinzenta e brilhante”, também nos conduz de volta a Benjamin (ou seria Agamben?): as crianças sentem um prazer especial em se esconder e rejeitam personificar o ímpessoal. Fazem um certo uso das coisas “que nunca advém direito ou propriedade” (ação que não põe, executa ou transgride o direito): profanação.

Em meio à “vida nua” dos personagens de Tavares, também o desvanecer da Literatura: conhecer e escrever é parodiar a vida através do ridículo, do cômico e do grotesco, enquanto a única possibilidade de atingir o que interessa (o mistério!) é calar-se. Conclui Agamben: “É dessa palpitação infantil que provém tanto a volúpia com que [Robert] Walser garante as condições de sua ilegibilidade (os microgramas) como o desejo obstinado de Benjamin de não ser reconhecido”.

Paulo Carvalho é jornalista e mestre em comunicação social.

ENTREVISTA

Flávio Carneiro

“Quem escreve deve ter paciência, muita paciência”

Escritor Flávio Carneiro, autor do recém-lançado *O leitor fingido*, reflete sobre a crítica literária, a ficção contemporânea e o ofício da escrita

DIVULGAÇÃO/ EDITORA ROCCO



Entrevista a **Cristhiano Aguiar**

Flávio Carneiro faz parte daquela estirpe de criadores que não se contenta em permanecer em apenas um lugar de criação. Além de ficcionista, Carneiro, nascido em Goiania, porém radicado no Rio de Janeiro, há quase 30 anos, atua como professor de literatura, curador, roteirista de cinema e crítico literário. Escreveu os romances *O campeonato* (Objetiva, 2002) e *A confissão* (Rocco, 2006), nos quais se aproxima do romance policial e da literatura fantástica, respectivamente. Foi

crítico literário de *O Globo* e do *Jornal do Brasil* entre 2000 e 2007. O último livro lançado por Flávio Carneiro, *O leitor fingido* (Rocco, 2010), consiste numa interessante mistura de ficção, ensaio literário e autobiografia. Na obra, o autor faz uma série de reflexões sobre a figura do leitor, pensando de que maneira os textos literários metaforizam e debatem a leitura e a importância dos leitores no mundo da literatura. Nesta entrevista, concedida por e-mail, Carneiro, além de falar do leitor fingido, conversa com o **Pernambuco** sobre crítica literária e ficção contemporânea, entre outros assuntos.

O que levou você a escrever *O leitor fingido*? Você acha que a figura do “leitor” continua em segundo plano nas reflexões literárias?

Sempre achei que o ofício de escritor está diretamente relacionado a uma experiência de leitura. Não acredito em escritor que não lê. Nesse livro, quis falar um pouco disso, dessa dupla face da literatura: o escritor e o leitor. As reflexões sobre a figura do leitor já foram mais escassas. Desde os anos 1970, na Alemanha, nos EUA e mais recentemente no Brasil, esse quadro vem mudando e hoje já se pode falar em linhas de pesquisa consistentes sobre o tema da leitura. Mas acho que ainda pode melhorar, o leitor é parte fundamental da literatura e merece mais atenção por parte dos pesquisadores da área.

No seu *O leitor fingido*, você faz uma interessante mistura entre crítica literária, ficção e escrita autobiográfica. Como e por que você chegou a esta forma de escrita para o livro?

Demorei muitos anos trabalhando no projeto do livro porque não sabia ainda como escrevê-lo. Até que optei por uma escrita híbrida, que misturasse ficção, ensaio e depoimento. A opção veio naturalmente e depois pensei comigo que tudo o que escrevi até hoje é assim mesmo, essa escrita misturada. Nos meus ensaios, procuro usar técnicas narrativas, buscando prender a atenção do leitor, inclusive com estratégias de criação de certo suspense, como o de sugerir certa interpretação de determinado romance e ir revelando essa interpretação aos poucos, deixando a surpresa para o final. Ricardo Piglia dizia isso, que a crítica é uma variante do gênero policial. Concordo com ele. E em tudo o que escrevo

“O leitor deve, sim, fazer a distinção entre livros bons e ruins. O que não se pode é ditar regras. Isso é autoritarismo

está, claro, minha própria vida. O escritor escreve sempre sobre sua vida. Não de forma explícita, direta, mas pelo disfarce, pelo fingimento ficcional. E a leitura também é uma forma de autobiografia. Se você quiser contar a alguém partes da sua vida, mostre para esse alguém os livros que você leu e as anotações que fez neles. Está tudo lá. Então, se queria escrever um livro sobre leitura e escrita, achei que o melhor seria investir nessa proposta: a de um livro que fosse uma história de vida, da vida de um leitor.

Na página 61, começa um raciocínio sobre aquilo que leva você a não gostar de um livro, contudo não chega a aprofundar este aspecto. Você poderia falar mais sobre isso? O leitor deve, sim, fazer a distinção entre livros bons e ruins. O que não se pode é ditar regras: esse livro todo mundo tem que achar ótimo e esse todos devem jogar no lixo. Isso é autoritarismo e já sabemos quais são os resultados, não é? Agora, um leitor deve saber escolher. Deve ter seus critérios de escolha. No meu caso, não gosto de livro que subestime minha inteligência. Se percebo que um romance está querendo me doutrinar, me dar uma lição de moral – a famosa “mensagem” –, não continuo a ler. Assim como o escritor deve saber quando precisa abandonar o que está escrevendo e partir para outra história, o leitor também deve saber quando abandonar um livro que está lendo. O que é muito difícil, sem dúvida. Também não gosto de livros que não me deixam imaginar, que explicam demais, que me tiram o prazer (detetivesco) da descoberta.

Qual a sua leitura de ficção brasileira hoje? É possível traçar vertentes e características?

Escrevi um livro sobre isso, *No país*

do presente: ficção brasileira no início do século XXI. Lá respondo melhor a sua pergunta. O que acho é que a ficção brasileira atual é bastante rica, em qualidade e em variedade. Acredito que a falta de um modelo a seguir pode ter sido um problema, sobretudo no início dos anos 1980, no período pós-ditadura, mas também uma grande vantagem para as novas gerações de escritores. Se, por um lado, você ficava sem rumo, por outro tinha vários rumos pela frente. A questão era escolher. E os ficcionistas brasileiros escolheram bem, tanto os novos quanto os já consagrados e que estão sempre buscando arejar sua própria ficção. Só pra lembrar algumas das vertentes, poderia citar a do romance policial, que nunca teve espaço na nossa tradição literária e que vem, desde o final dos anos 1960, com Rubem Fonseca, encontrando ótimos ficcionistas. O mesmo ocorre com o fantástico. E a ficção passada fora dos grandes centros, em cidades pequenas ou em lugares do interior do país, também tem aparecido, na contramão da nossa tendência ficcional, que é a do romance urbano. Vejo ainda como outras vertentes promissoras a do humor, a do diálogo com a linguagem da mídia (em especial da televisão e da internet), a do conto curto, entre outras.

O que te dá mais prazer: praticar a crítica literária na imprensa e na internet, ou dentro da universidade? Você concorda com a leitura que muitos fazem de uma “crise” da crítica nestes dois lugares de atuação?

Para falar a verdade, a crítica que faço na imprensa, na internet ou na universidade segue o mesmo padrão: seriedade na abordagem, com sustentação teórica e de história literária, e clareza de

linguagem. E muito de imaginação. É isso o que busco sempre. Pode ser que não tenha conseguido, só o leitor pode julgar, mas é o que penso ser o melhor para mim, enquanto alguém que também escreve sobre literatura. Não acho que haja uma crise da crítica. Acho que as pessoas ainda estão procurando ler uma forma de crítica que não cabe mais, a do grande mestre, que diz o que se deve e o que não se deve ler. Quem procura esse tipo de crítica vai se frustrar, como alguém que procure o grande romance, o autor genial a servir de modelo. Não há mais espaço para isso no mundo em que vivemos. Acredito que há críticos ruins hoje, despreparados, mas também há críticos muito bons, com uma nova visão do que seja a crítica. Em todos os períodos de nossa história literária houve a convivência de críticos bons e ruins. Cabe ao leitor escolher o que ler, também em termos de crítica literária.

Seus romances *O campeonato e A confissão* partem de tramas do romance policial. Como a literatura brasileira atual trata o tema “crime”?

Nem toda ficção que tenha o crime como tema pode ser entendida como policial. Para ser um romance policial, é preciso que haja um crime, um detetive, uma investigação, ou, se não houver, que haja esses “espaços” – às vezes o “espaço” do detetive é preenchido pelo próprio leitor, por exemplo. Mas o crime pode ser tratado de outra forma, como mote para um romance de crítica social, ou de depoimento ficcional de alguém que mora numa favela ou que lida com o tráfico noutro ambiente urbano. Na literatura brasileira atual, essas vertentes convivem. A que

“Para um escritor se profissionalizar, em primeiro lugar, é preciso que escreva. Tem muita gente pensando primeiro na carreira

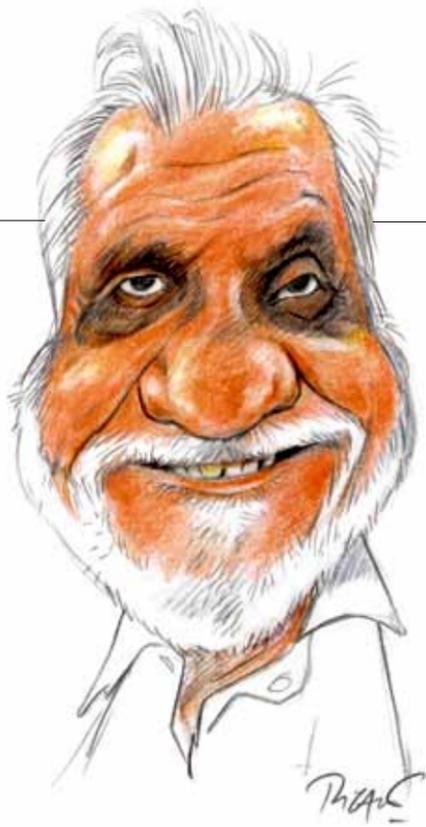
mais me agrada é a do policial. Vejo o romance policial como um formato privilegiado dentre os modos de se escrever ficção, aquele em que é possível mesclar entretenimento e sofisticação, jogo intelectual e suspense.

Há algum tempo, entrevistei um editor brasileiro que criticava o fato do Estado brasileiro ser o maior comprador de livros do mercado editorial. Sabemos que um dos filões desse mercado é a literatura infantil e juvenil. Enquanto escritor que também escreve para crianças e jovens, como você analisa a atuação do Estado nesse setor?

Esta é uma situação complexa. O ideal seria que o livro infantil e juvenil tivesse seu lugar não apenas nas escolas mas também no cotidiano do leitor, que alguém entrasse numa livraria e encontrasse não apenas poesia e romance para adultos mas também romance e poesia para crianças e jovens. Desde que comecei a escrever livros infantis e juvenis, tive claro pra mim que não se pode fazer distinção de valor entre esse gênero e o outro, digamos só para adultos. Acredito que toda obra para crianças deve agradar também ao adulto, é uma condição para a sua qualidade. Infelizmente não é assim que as coisas funcionam. Literatura infantil e juvenil ainda é vista como uma forma sedutora de passar ensinamentos, de passar valores. Acho isso um grande, um gravíssimo erro. Literatura não é pedagogia. Aprendemos quando lemos um bom romance, mas um romance não deve querer ensinar nada. Se aprendemos é porque o romance em si, com a história que nos contou, nos fez um pouco melhores do que éramos antes da leitura. O que acontece é que,

por pensar nessa literatura como mero suplemento didático, tanto o governo quanto a sociedade em geral decretam que lugar de livro para crianças e jovens é na escola, não nas livrarias e depois na casa do leitor. Um desastre isso.

Na sua oficina durante o A letra e a voz – Festival recifense de literatura, você falou um pouco sobre o tema “vida literária”. A literatura, enquanto carreira, já é algo viável? Quais os caminhos para um escritor se profissionalizar? Viver de literatura no Brasil é viável sim. O difícil, quase impossível, é viver de direitos autorais. O que o escritor ganha com a venda dos seus livros é irrisório, apenas 10% do valor do livro vai para o escritor. Num país que lê pouco e compra poucos livros, não dá para viver disso. Por isso a grande maioria dos escritores no Brasil tem outras profissões além da de escritor. É professor na universidade, ou escreve para jornais e revistas, dá palestras, cursos, oficinas. Para um escritor se profissionalizar, em primeiro lugar é preciso que escreva. Tem muita gente pensando primeiro na carreira, na exposição midiática e coisas do tipo. Está errado. Primeiro o escritor tem que escrever, tem que lutar com as palavras todo dia, como diria Drummond. Não digo que o escritor não deva pensar em se profissionalizar. Se achar que é importante ser um escritor profissional, deve sim buscar ser um profissional. Agora, para isso ele deve levar muito a sério o que faz, não achar que pode escrever uma coisinha aqui, outra ali, deve ler muito, deve se aprimorar, escrever, retocar, escrever, retocar, sem pressa. Isso é importante: quem escreve deve ter paciência, muita paciência.



Raimundo CARRERO

Cuidado, essa pessoa é falsa e engana muito

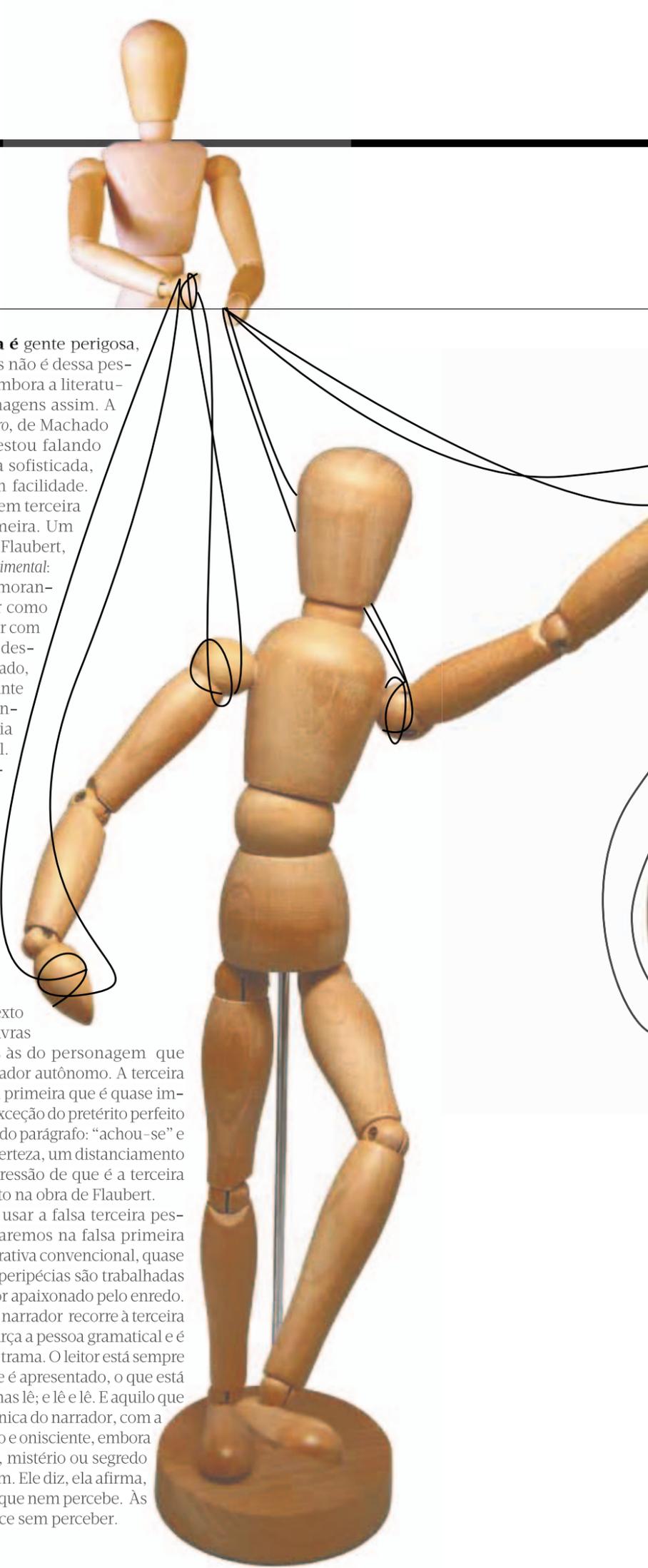
Para seduzir o leitor é preciso recorrer a técnicas que sofisticam a narrativa

Falsa? Uma pessoa falsa é gente perigosa, perigosa e traiçoeira. Mas não é dessa pessoa que eu quero falar, embora a literatura esteja cheia de personagens assim. A começar por *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. Na verdade, estou falando de uma técnica narrativa sofisticada, embora possa ser lida com facilidade. Ou seja, o texto é escrito em terceira pessoa com foco na primeira. Um exemplo, que aparece em Flaubert, no romance *Educação Sentimental*:

“Teria que continuar morando num quarto andar, ter como criado o porteiro, e aparecer com umas pobres luvas pretas desbotadas, um chapéu ensebado, a mesma sobrecasaca durante todo o ano. Não! Não! Nunca! Contudo, a existência sem ela era insuportável. Havia muita gente que vivia bem, mesmo não tendo fortuna, por exemplo Deslauriers; – e achou-se covarde por dar tamanha importância a coisas insignificantes. Talvez a miséria lhe centuplicasse os dons. Exaltou-se, pensando nos grandes homens que trabalhavam em mansardas”.

Basta observar bem o texto para verificar que as palavras estão de tal forma juntas às do personagem que parece não haver um narrador autônomo. A terceira pessoa se confunde com a primeira que é quase impossível separá-las, com exceção do pretérito perfeito que vai aparecendo no fim do parágrafo: “achou-se” e “exaltou-se”. Aí há, com certeza, um distanciamento proposital para dar a impressão de que é a terceira pessoa. Isso acontece muito na obra de Flaubert.

Mas quando e por que usar a falsa terceira pessoa – posteriormente falaremos na falsa primeira pessoa –? Simples. Na narrativa convencional, quase sempre – ou sempre – as peripécias são trabalhadas de forma a provocar o leitor apaixonado pelo enredo. Na obra mais sofisticada, o narrador recorre à terceira pessoa, de forma que disfarça a pessoa gramatical e é aí que vai desenvolvendo a trama. O leitor está sempre disposto a aceitar o que lhe é apresentado, o que está escrito, quase sempre apenas lê; e lê e lê. E aquilo que parecia uma informação única do narrador, com a impressão de todo poderoso e onisciente, embora inominado, é, na verdade, mistério ou segredo dominado pelo personagem. Ele diz, ela afirma, ele revela, prepara o leitor que nem percebe. Às vezes passa todo o romance sem perceber.



Marco
Polo

MERCADO
EDITORIAL

VÍCIOS E VIRTUDES

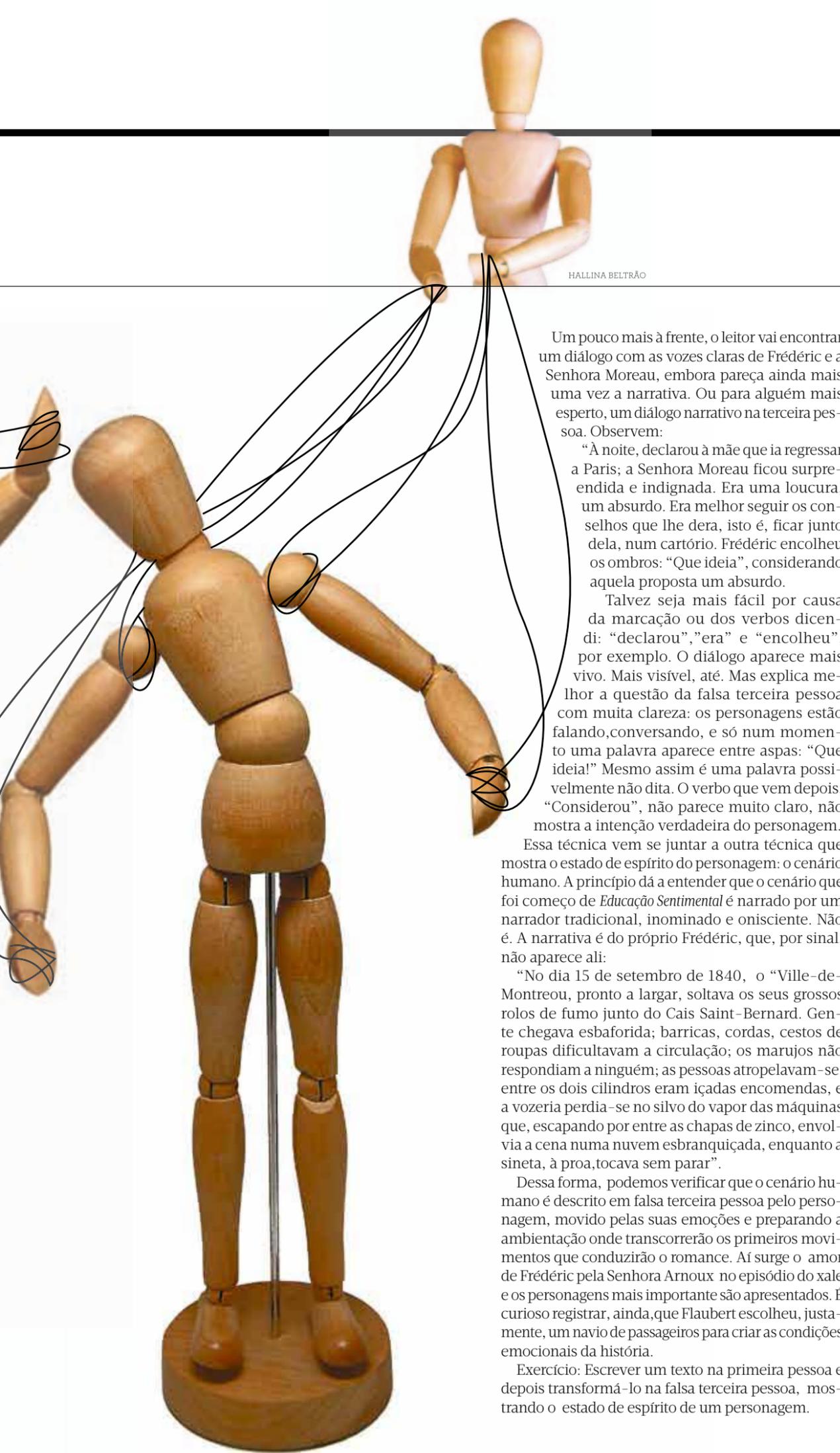
Charutos de Churchill são tema para livro que explora a intimidade e os vícios do grande estadista

Hitler era vegetariano, não bebia nem fumava. Churchill (foto) era glutão, beberrão e fumava cerca de 200 charutos por mês. Estas são algumas das curiosidades do livro *O charuto de Churchill – Um caso de amor na paz e na guerra*, de Stephen McGingty, da Record. Há impropriedades: o autor diz que Cabral encontrou no Brasil uma sociedade em que todas as classes fumavam. Que sociedade e conceito de classe tinham os

índios em 1500? A tradutora fala de ratos de laboratório que ficaram “chapados”, gíria que se choca com a linguagem limpa do autor. Há erros de revisão: “ficou noivou”, “se divertia-se” (pag. 42), “banhos mar” (pag. 147), “Hitler seria adorado essa proibição” (pag. 190). Mas é livro que se lê com o mesmo gosto com que se dá boas baforadas num *puro* de Havana, como, por exemplo, um Cohiba.

DIVULGAÇÃO





HALLINA BELTRÃO

Um pouco mais à frente, o leitor vai encontrar um diálogo com as vozes claras de Frédéric e a Senhora Moreau, embora pareça ainda mais uma vez a narrativa. Ou para alguém mais esperto, um diálogo narrativo na terceira pessoa. Observem:

“À noite, declarou à mãe que ia regressar a Paris; a Senhora Moreau ficou surpreendida e indignada. Era uma loucura, um absurdo. Era melhor seguir os conselhos que lhe dera, isto é, ficar junto dela, num cartório. Frédéric encolheu os ombros: “Que ideia”, considerando aquela proposta um absurdo.

Talvez seja mais fácil por causa da marcação ou dos verbos dicendi: “declarou”, “era” e “encolheu”, por exemplo. O diálogo aparece mais vivo. Mais visível, até. Mas explica melhor a questão da falsa terceira pessoa com muita clareza: os personagens estão falando, conversando, e só num momento uma palavra aparece entre aspas: “Que ideia!” Mesmo assim é uma palavra possivelmente não dita. O verbo que vem depois, “Considerou”, não parece muito claro, não mostra a intenção verdadeira do personagem.

Essa técnica vem se juntar a outra técnica que mostra o estado de espírito do personagem: o cenário humano. A princípio dá a entender que o cenário que foi começo de *Educação Sentimental* é narrado por um narrador tradicional, inominado e onisciente. Não é. A narrativa é do próprio Frédéric, que, por sinal, não aparece ali:

“No dia 15 de setembro de 1840, o “Ville-de-Montreou, pronto a largar, soltava os seus grossos rolos de fumo junto do Cais Saint-Bernard. Gente chegava esbaforida; barricadas, cordas, cestos de roupas dificultavam a circulação; os marujos não respondiam a ninguém; as pessoas atropelavam-se; entre os dois cilindros eram içadas encomendas, e a vozeria perdia-se no silvo do vapor das máquinas que, escapando por entre as chapas de zinco, envolvia a cena numa nuvem esbranquiçada, enquanto a sineta, à proa, tocava sem parar”.

Dessa forma, podemos verificar que o cenário humano é descrito em falsa terceira pessoa pelo personagem, movido pelas suas emoções e preparando a ambientação onde transcorrerão os primeiros movimentos que conduzirão o romance. Aí surge o amor de Frédéric pela Senhora Arnoux no episódio do xale e os personagens mais importante são apresentados. É curioso registrar, ainda, que Flaubert escolheu, justamente, um navio de passageiros para criar as condições emocionais da história.

Exercício: Escrever um texto na primeira pessoa e depois transformá-lo na falsa terceira pessoa, mostrando o estado de espírito de um personagem.

A CEPE – Companhia Editora de Pernambuco informa:

CRITÉRIOS PARA RECEBIMENTO E APRECIÇÃO DE ORIGINALS PELO CONSELHO EDITORIAL

1. Todos os originais de livros submetidos à CEPE são analisados pelo seu Conselho Editorial, que delibera a partir dos seguintes critérios:
 - Contribuição relevante para Pernambuco;
 - Adequação à missão institucional da CEPE e sintonia com a sua linha editorial, que privilegia obras inéditas, escritas ou traduzidas para o português; que tenham relevância para a cultura pernambucana, nordestina e brasileira, nos seguintes campos do conhecimento humano: científico, técnico, literário e artístico.
2. Para obter a aprovação com vistas à publicação pela CEPE, as obras devem preencher os seguintes requisitos de qualidade:
 - De estilo (correção, clareza, coerência, rigor, coesão e propriedade).
 - De conteúdo (nível apropriado de aprofundamento dos temas, evidência de pesquisa e reflexão, consistência de argumentação e elaboração, originalidade da abordagem).
3. O Conselho Editorial não analisa:
 - Originals incompletos, em progresso ou ainda sujeitos à correção do autor.
 - Livros individuais ou coletivos na condição de projeto. Os textos devem ser entregues com o seu conteúdo pronto, acabado, sem acréscimos nem rasuras.
4. Serão imediatamente desconsiderados e rejeitados originais que atentem contra as declarações de direitos humanos e congêneres, as leis e os dispositivos morais e éticos, nomeadamente os casos de:
 - Violação dos direitos políticos, sociais, econômicos, culturais e ambientais;
 - Que fomentem ou mostrem simpatia pela violência e desrespeito a crianças, idosos, bem como os preconceitos de raça, religião, gênero etc.
5. O Conselho não recebe dissertações ou teses em estado bruto (devem ser feitas as reformulações necessárias de modo a reduzir o excesso de tecnicismos típicos do trabalho acadêmico).
6. As obras, inclusive as coletivas, devem estar corretamente padronizadas e revisadas, de modo a permitir a leitura crítica e análise final da obra.
7. O autor deve enviar à CEPE cópia impressa dos originais em quatro vias.
8. Não são recebidos originais em CD, disquete, e-mail ou qualquer outro formato eletrônico.
9. O comprovante de envio dos originais pelos Correios (AR – Aviso de Recebimento) valerá como protocolo de entrega.
10. Em caso de entrega dos originais na sede da Companhia Editora de Pernambuco – CEPE, o portador deverá se dirigir à secretaria da Presidência, onde assinará o protocolo.
11. Todos os originais são de responsabilidade exclusiva do autor. O Conselho não se ocupa de eventuais perdas ou danos no trajeto de encaminhamento nem devolve os originais recebidos.

Companhia Editora de Pernambuco
Rua Coelho Leite, 530 – CEP: 50100-140
Santo Amaro – Recife – PE.
Informações adicionais pelo telefone:
(81) 3183-2708



GOVERNO DE PERNAMBUCO

PESQUISA

Dois importantes ensaios literários são lançados

Dois livros de autores pernambucanos, lançados dentro da Coleção Teses, do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE, merecem destaque. Trata-se de *O romantismo resistente e o classicismo possível*, de Mário Faustino e a *poesia moderna brasileira*, de Artur Almeida de Ataíde, e *A transparência impossível: poesia brasileira e hermetismo*, de Fábio Andrade. Pela pesquisa e pelas reflexões que produzem deveriam ser lançados nacionalmente.

MERCADO

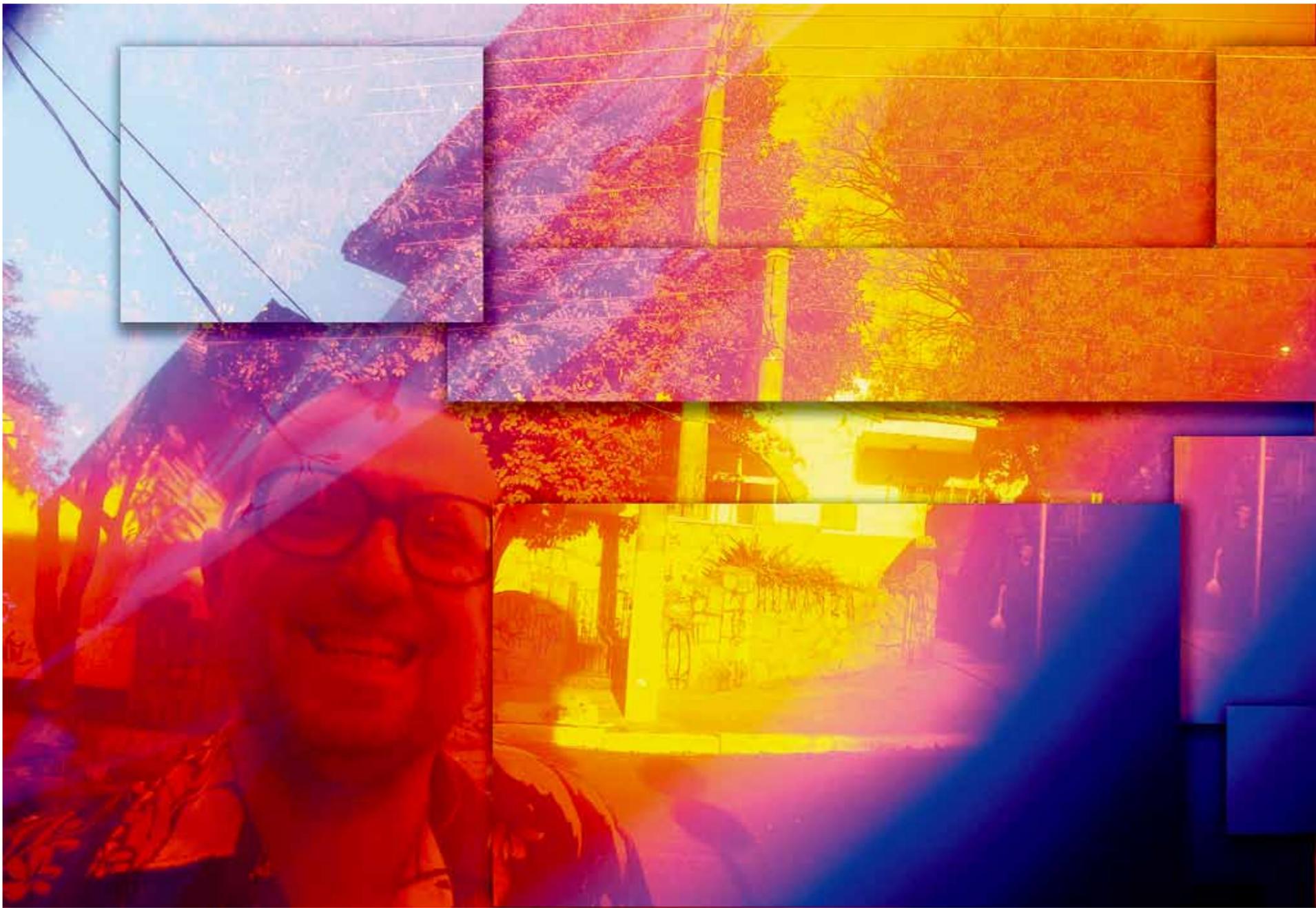
Pequena editora do Mato Grosso do Sul abre portas para novos autores e oferece um percentual maior de direitos autorais

Criada há três anos por Valter Jeronymo, a Life Editora, do Mato Grosso do Sul, é mais uma pequena editora que surge no mercado brasileiro. Com 57 livros publicados, seu catálogo integra todo tipo de gênero, de literatura à história e de autores consagrados a novatos. Tem distribuição em São Paulo, Belo Horizonte e Centro Oeste, e pelos sites das livrarias Saraiva, Siciliano e Cultura. Segundo Valter, sua editora

tem a agilidade que as grandes não têm: “Temos editado livros excelentes que foram descartados pelas grandes editoras, que nem chegaram a analisá-los. Além de oferecermos aos autores um percentual maior de direitos autorais e chance de acompanhar o processo editorial”. Escritores interessados em publicar podem entrar em contato pelos fones (67) 3362.5545 e (67) 9263.5115, ou pelo e-mail life.editora@gmail.com.

CAPA

HALLINA BELTRÃO SOBRE FOTO DE RICARDO TOSCANI



O homem que sonha em ser o Tchecov da Serra das Russas

Perfil desvenda as trajetórias literárias e emocionais de Xico Sá, um autor sempre em busca dessa coisa chamada amor

Daniela Arrais

Só o que restou do amor não inteiramente gasto me assusta. Tais partículas rondam o mundo e nunca descansam, reencarnando em outros seres, coitados. Nem me lembro mais o dia em que partiste. Para o meu coração brega, amoroso e sentido, ontem continua sendo sempre hoje. Como o pára-choque de um caminhão que vai e volta na rodovia da Saudade com a mesma frase triste. (Na vitrola, tocam Siboney, claro, play again, viver é bolero) – De Xico Sá no blog www.donttouchmymoleskine.com

O homem só precisa de três coisas para ser feliz: amor, Visa Electron e coragem para tentar de novo depois de cada decepção. O ensinamento é de Xico Sá, verdadeira autoridade quando o assunto é relacionamento, essa coisa tão complicada que a gente passa a vida vivendo e tentando entender.

Para chegar a tamanha concisão, Francisco Reginaldo de Sá Menezes, 47, vive como um anti-herói de filme que faz sucesso no cinema – e não como coadjuvante daquele tipo de história que vai direto para a locadora, tamanho o tédio que causa nos espectadores. A sua vida é cheia de romance, tem um bocado de aventura e a porção de drama necessária para construir narrativas amorosas que servem de mote para seus textos, que são publicados em blog, Twitter, jornais e livros.

Na Mercearia São Pedro, em São Paulo, mais barulhenta do que sempre por conta do amistoso Brasil x Estados Unidos, o primeiro com Neymar e Ganso, os meninos da Vila que ele tanto adora, Xico fala sobre quem é e quem já foi.

“Há 20 anos, eu era mais fraudulento, mas era mais verdadeiro, por incrível que pareça. Era mais preocupado com a sobrevivência, e um homem preocupado assim é passível de qualquer merda. Ele é meio bandido, mais errado, mais frágil, mais passível de crime. Hoje eu tenho segurança, tenho o aval burguês safado de ter a vida mais ou menos garantida por algum tempo.” Entre um e outro tipo de homem, ele prefere o de antigamente pelo risco e o de hoje, pelo conforto. E se declara um anti-herói desde sempre: aquele cabra feio, mas cheio de carisma, que conquista amores, amigos e leitores com suas palavras sobre gente, esse bicho que precisa tanto de autorreferência.



Jornalista e escritor, Xico saiu de Santana do Cariri, no Ceará, ainda adolescente. Mudou-se para o Recife, onde conheceu coisas boas da vida: mulher, amor, mesa de bar, trabalho. Há mais de 20 anos, migrou para São Paulo, onde vive até hoje, trabalhando durante o dia e flinando durante a noite. “É muita militância noturna, baby. Isso já me custou um fígado.” Também compôs letras de músicas, participou de filmes, fez um blog, *O Carapuceiro* (www.ocarapuceiro.zip.net). Neste ano, lançou seu décimo livro, *Chabadabadá – Aventuras e desventuras do macho perdido e da fêmea que se acha*.

Como jornalista, ficou famoso pela cobertura do caso PC Farias. Enquanto alguns jornalistas do Brasil gastavam o borderô de suas empresas em viagens pelo mundo, atrás do famoso tesoureiro do ex-presidente Fernando Collor, Xico foi para Maceió, “onde estavam família, advogada, capangas, os homens fortes dele. Foi uma aposta da *Folha de S.Paulo*. Fiquei lá esperando, indo atrás dos caras, nos arredores, procurando quem não era objeto de investigação. Polícia, Interpol era onde todo mundo estava colado. Eu estava procurando Wally permanentemente. Até que um dia ouvi, no bar, que o cara estava em Londres. Fui atrás do irmão dele, confirmei, combinei uma ligação, gravei e publiquei.”

O que todo mundo queria, Xico conseguiu. O resultado veio na forma de prestígio e de melhores condições de trabalho. Virou repórter especial. “Mas eu nunca quis isso. Não era minha vontade ser um jornalista fodão. Era um desgosto, porque quanto mais coisa eu conseguia no jornalismo, mais eu me afastava de ser um escritor. Tinha menos tempo para ler, para escrever as coisas que eu queria. A vantagem era financeira, de status dentro do jornal, de viver melhor. Mas nunca quis nenhum segundo disso, nem para o meu filho, nem para o meu sobrinho, nem para você.”

Ainda como jornalista investigativo, foi ver quais eram os efeitos da desnutrição no crescimento de crianças, homens e mulheres do Nordeste brasileiro, mostrando aos leitores o *Homem-gabiru*. Quando foi desvendar a *Anatomia de uma licitação*, em 1993, conquistou um Prêmio Esso, o mais alto degrau da fama no jornalismo brasileiro.

Mas antes de ser jornalista, escritor, farrista de primeira, apaixonado por mulher e por futebol, Xico é um entusiasta do amor, esse tema que a gente passa a vida buscando entender em filmes, livros, músicas e conversas de mesa de bar.

Então sintonize o rádio do seu coração, e vamos a ele, o amor.

Xico está sempre em busca do amor, mas sem esperanças óbvias de contos de fada, de histórias que duram para sempre. Está mais para Vinícius de Moraes, quando ele diz “que não seja imortal, posto que é chama. Mas que seja infinito enquanto dure”. Isso porque, depois de anos de experiência, Xico se deu conta de que o amor é pura encenação combinada por duas partes.

“Relacionamento é uma mentira da porra, é um mostrando o melhor lado, o outro achando lindo. Só quando o negócio fica ruim e o pau come é que fica verdadeiro e você conhece a pessoa”, diz. Ele sabe que o embate é permanente e está fadado ao fracasso. “Homem e mulher, sabiá e bem-te-vi, tatu e tamanduá. Nada vai dar certo. Graças a Deus! Eu tenho a finitude dentro de mim, acho lindo que você não queira morrer junto com a pessoa amada”, diz. Mas e o “viveram felizes para sempre” de todas as histórias que vemos na vida? “A dor mesmo quem sofreu foram nossos pais, que tinham o infinito como objetivo. A gente não tem essa ilusão, o que é um grande conforto. A gente sabe que uma relação dura um tempo, um discurso.” Palavras de quem já se casou e se juntou algumas vezes e criou dois enteados. “Mas quando eu começo a me iludir por uma moça, fico querendo ter uma história da porra, dessas que você se engalfinha e não tem jeito, quer estar junto, ligar o tempo todo. Para mim, isso é a eternidade.”

O amor surgiu como tema de vida e de trabalho na vida de Xico ainda no Cariri, quando o rapaz começou a ajudar a um vizinho a fazer um programa de rádio chamado *Temas de amor*. “Ele sabia que eu escrevia uns poemas e me chamou para ler histórias, aconselhamentos, poemas sobre casais famosos de Juazeiro. Eu vi que tinha sensibilidade para escrever sobre isso, mas

era porque eu lia muito. Poema pra caralho. Era uma safadeza minha. Era um populismo amoroso da porra. Apliquei uns golpes poéticos benfeitos para o rádio. Na época num tinha nada bom. Acho que são golpes bem resolvidos por conta do meu repertório”, lembra. O sucesso foi instantâneo, mas Xico tira seu mérito. “O amor é tema mais velho que marxismo, que luta de classes. Fulano que ama fulano, que pode ou não pode casar ou não casar... Todo mundo se interessa por isso.” No Recife, anunciou nos classificados de um jornal o serviço “poemas de amor sob encomenda”, outro êxito de sua carreira.

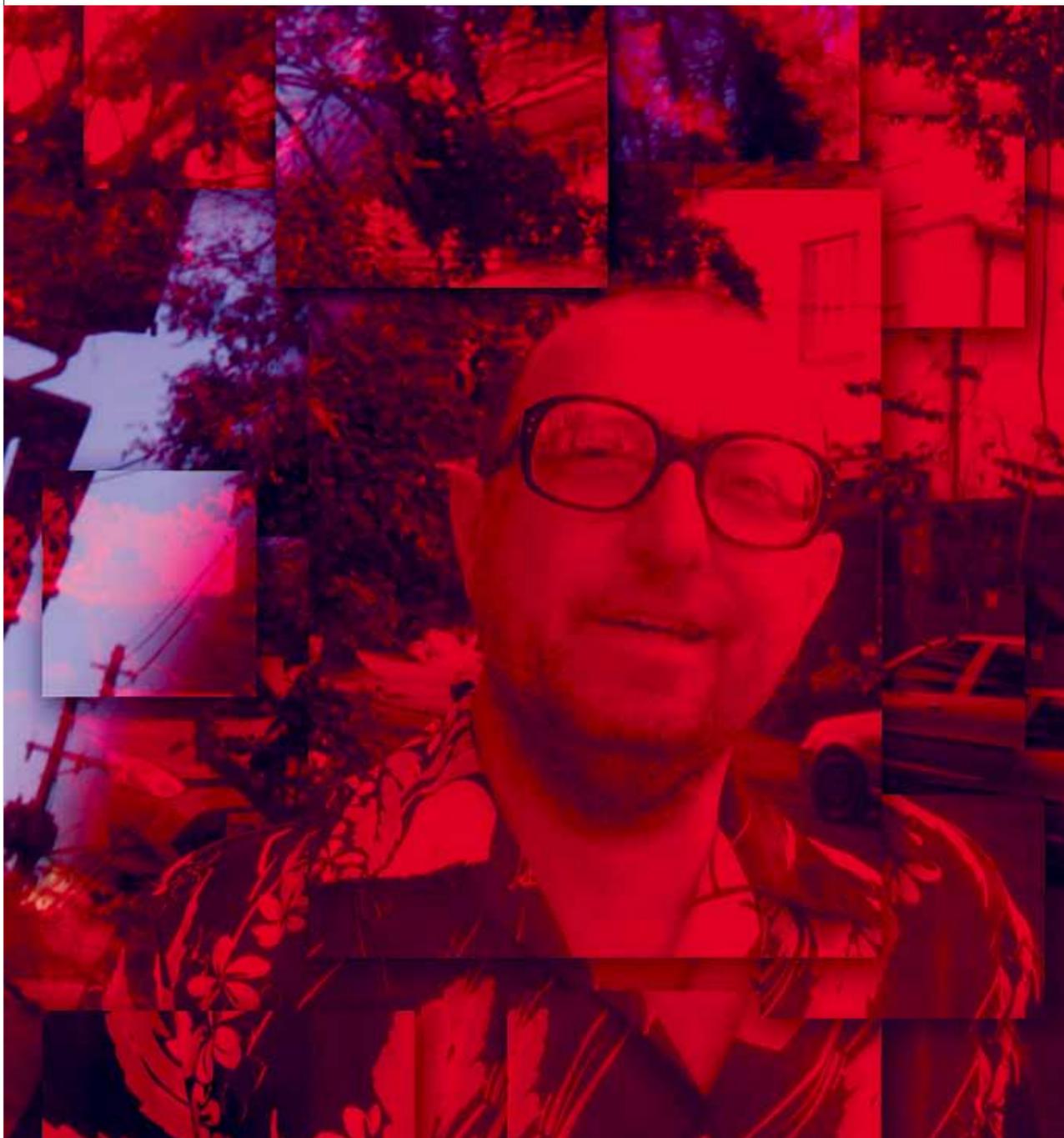
Depois de deitar no divã, Xico descobriu: o apreço pelo tema vem da sua mãe, Maria do Socorro, que desde que ele se entende por gente abre a porta de casa para dar conselhos amorosos. “Depois que comecei a escrever, fui investigar por que escolhi esse tema. Psicanaliticamente, foi minha mãe. Toda mulher que entrava lá em casa era para minha mãe dar conselho. Ela tem uma vocação para conselhos, dá uns fodidos. Eu via a minha mãe o tempo inteiro se fodendo com o meu pai, aquele canalha clássico, bebedor, que gosta de farra, mas é provedor, que achava que se não faltasse nada em casa estava tudo lindo... E eu via minha mãe assim, igual a mim, se fodendo com as histórias e dando conselho para os outros.”

PROFISSÃO JORNALISTA

Xico Sá nunca quis ser jornalista. Mas foi no ofício diário que ele viu a possibilidade de ganhar algum dinheiro. “Eu queria ser escritor, ser Graciliano Ramos, Ernest Hemingway, Rimbaud, Dostoiévski. Tinha inveja de toda e qualquer pessoa que conseguia escrever um livro. Morria de vontade. Mas o que era mais próximo disso e é uma tradição secular no Brasil é jornalista que queria ser escritor, escritor que queria ser jornalista... Eu não queria fazer carreira em jornalismo, mas quando percebi já era tarde, eu estava fodido e tinha que trabalhar. Então acabei fazendo isso. Fiz e faço com gosto, apesar de não ter sido a vontade principal. Porque eu queria mesmo era ser poeta, escritor, Rimbaud, comprar escravo na África”, conta.

CAPA

HALLINA BELTRÃO SOBRE FOTO DE RICARDO TOSCANI



Enquanto não conseguia, vivia um conflito. “Teve uma época em que cheguei a largar completamente qualquer pendor literário.”

Mas foi no mesmo jornalismo que Xico conseguiu dar uma guinada e chegar à literatura. Em 1997, ele propôs fazer uma coluna na *Folha* com crônicas sobre relacionamentos. “Estava de saco cheio de PC, Collor-gate, de jornalismo investigativo. Na *Revista da Folha* tinha colunas black, gay, e propus uma de macho. Na primeira coluna que escrevi, ainda não existia e-mail, então recebi cartas. O efeito foi um milhão de vezes maior do que achar PC, do que qualquer coisa de jornalismo investigativo. Aí me animou pra caralho. Era menos prestígio, menos dinheiro, mas era mais animador, era o que eu queria. Se era para fazer jornalismo, que fosse um meio de campo entre jornalismo e literatura.”

Pausa para um resumo da trajetória: Xico tinha 15, 16 anos quando deixou Santana do Cariri, no Ceará, e foi para o Recife. Morou em pensão, trabalhou na Mesbla - “datilografando ficha de crediário” -, entrou no curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Pernambuco. Morou na Casa do Estudante, no Derby, virou rato de biblioteca. Trabalhou em uma empresa que fazia jornais para outras empresas - era revisor e se arriscava em uns textos. Depois, foi para o *Tablóide esportivo*, onde começou como repórter, cobrindo Náutico, Santa Cruz e Sport. Uma alegria para um grande torcedor do futebol - é rubro-negro em Pernambuco, santista em São Paulo e torce pelo Icasa no Ceará.

Foi cobrir polícia no *Jornal do Commercio*, voltou para esporte, foi para a sucursal da Agência Estado - “aí já era luxo e riqueza, dinheiro que só a porra”. Em seguida, parou na sucursal da *Veja*. “Era um horror, mas era bom, pelo dinheiro e pelo fato de a *Veja* não ser tão horrorosa como é hoje. Você não escrevia nada, fazia relatórios, ainda bem que não assinava. A *Veja* é tradição, desde 1415 é uma revista de teses. Alguém de São Paulo faz uma tese, os repórteres vão buscar informações. Beirava a mentira a cada

dez minutos de apuração.” Nos anos 1990, passou nove meses no *Estadão*. Mudou-se para São Paulo, ficou na *Folha* por dez anos, foi para o *Diário Popular* e voltou para a *Folha*, onde é colunista. Em paralelo, atua como comentarista do programa *Cartão verde*, da TV Cultura.

Mas voltamos ao amor.

Uma única vez Xico fez um livro completamente apaixonado, *Um cão vadio aos pés de uma mulher abismo*. “Aproveitei uma dor amorosa e coloquei todas as outras ali. Juntei todas as mulheres da minha vida, porque me interessava narrar a dor amorosa, numa espécie de antologia de pés na bunda, dos que eu tinha levado e dos que eu tinha dado. Queria falar do enrosco que é sofrer por amor.” Juntou nas páginas as dores dos amigos, em relatos vindos de conversas, em e-mails transcritos. Até material do lixo ele recolheu. “Em caçamba de mudança sempre tem muita coisa boa. Fiz um lixão de dores amorosas, de resíduos.”

O livro, editado pelo próprio Xico, com projeto gráfico de Pinky Wainer, saiu pela editora Fina Flor. De início foram disponibilizados apenas 85 exemplares. Pouco, mas suficiente para deixar furiosas todas as mulheres com quem Xico tinha vivido mais intensamente. “Não coloquei nome de ninguém, mas todo mundo entendeu. A que era a motivadora inicial do livro ficou puta porque não dei sequência à narrativa, a outra não gostou de ver só um pedaço da história... Entre o comentário informal e a queixa de verdade, ouvi muita coisa.”

Não foi o que o fez deitar no divã, mas bem que ajudou. “Fiz análise quando surtei e para ver que eu não era doido”, diz. E saiu do consultório freudiano pensando ainda mais no objeto do seu desejo permanente. “As mulheres no geral anistiam muito homem que faz análise. É santo pra mulher de classe média rapidamente ilustrada. Está na mão de São Freud, está salvo. Você vira um canalha liberado pela ciência para errar de verdade.”

NA PRATELEIRA

Desses tantos erros e dos ocasionais acertos, Xico extrai o material para sua literatura. Muitas vezes, ouve que o que escreve é banal. “Na maioria das vezes, passo pelo embate de *nêgo* não acreditar que o que eu estou escrevendo é literatura, por causa do assunto, que é boceta e pau. Do mesmo jeito que escreviam Flaubert, Dostoiévski, Raimundo Carrero, Sá Carneiro”. Mas também fica solene quando você diz que faz literatura, e não que fala sobre uma coisa banal. “Até hoje estou nesta sinuca e nunca vou sair dela, então acabo deixando o leitor decidir o que é.”

Quando não é o leitor quem decide, as prateleiras das livrarias se dão ao trabalho. “Sempre colocam meus livros na seção de humor, de coisa de homem e mulher. Eu acho o erro maior quando colocam no mesmo lugar desses diários e manuais, como *Bridget Jones*. Esse mundo é que me incomoda. Quando você escreve crônica sobre isso está à beira de ser tachado de literatura de manual, e isso é uma merda. Eu aprendi com *Madame Bovary* e não com merda de *Sex and the city*, quero que essas mulheres se fodam.”

Que assim seja, para que ele continue na sua busca pela literatura mais real que puder escrever. “Se eu não me preocupasse, eu ganhava mais dinheiro, vendia mais livro e era mais feliz. Mas eu me preocupo porque eu quero ‘complexizar’ a minha história. Eu quero discutir isso comigo mesmo de uma maneira mais forte, não quero fazer um manual só para ganhar dinheiro. Quero colocar isso de uma forma russa de viver. Me interessa a literatura russa. É uma dor muito de verdade? Então me interessa. Às vezes eu minto dizendo que não me interessa. Dói não ter feito um romance russo ainda. Escrevi uma novelinha agora semirrusa. Serra das Russas! Que não seja uma literatura de São Petersburgo, mas que seja da Serra das Russas (elevação no Agreste de Pernambuco). Quero ser o Tchecov da Serra das Russas”, diverte-se.

E esse Tchecov é apegado a um romance. “Eu não pegava ninguém. Fui pegar mulher muito tarde. Por isso que eu gosto tanto. Tinha a juventude contra mim. Imaturidade, ansiedade. No Cariri eu tive uns ensaios, mas sempre foi com rapariga, no máximo com prima, mas dentro do contrato social que não autorizava dizer que eu estava conquistando alguém. Conquista mínima foi no Recife”, lembra. Da primeira vez que amou, recorda a sensação de não acreditar que o objeto de sua adoração pudesse responder na mesma moeda. “Eu era tão desarrumado para ter mulher. Valorizava tanto a mulher que não acreditava que ela pudesse querer ficar comigo. Acho que elas ficavam comigo pelo exotismo do menino do interior que não sabia lidar por completo com esse código do relacionamento. O que era desconcerto virava exotismo.”

Até hoje é assim. Xico veste o figurino do anti-herói, pratica o flânerie, tem sempre a palavra certa para as dúvidas do coração e engata amizades e romances pelos bares da vida. É um autêntico conquistador? “Tem doida pra tudo! Eu não tenho culpa, baby. Juro por Deus, Nossa Senhora, que não sou conquistador. Tu vai levar em conta mulher, é? Eu sou conquistador tanto quanto um mendigo. Passa debaixo de um viaduto agora. Tem um bocado de homem com mulher também. Não tem nada de homem maior que outro. É que mulher é generosa, fica com qualquer um. Homem não é assim”, analisa. “Tudo pode dar certo por conta da generosidade extremada da mulher. Acredito hoje na tragicomédia do homem e da mulher, de ver uma queda na rua, dar uma risada, pegar a mulher no muro pra comer ali no cantinho.”

Nas aventuras e desventuras de sua extensa narrativa amorosa, Xico busca sempre a paixão que tira o fôlego e faz o tempo parar, por mais que no fim fique despedaçado. “Você sempre retoma o discurso. Você quer de novo. Ou por frustração ou por querer mesmo, para provar que você continua existindo, é capaz e é amável. Todas as razões fazem você voltar pro mesmo canto.” E é assim que ele quer continuar até o fim. “Meu projeto de vida é morrer com uma barba gigante no Janga, depois dos 70 anos, com uma boyzinha de 18 do lado e uma conta daquelas da TV a cabo para ver o jogo de futebol no domingo, vendo as garotas tomando banho de bica, vendo o tempo passar.” Se tiver uma vitrola por perto, na certa ele pedirá um Waldick Soriano, um Fernando Mendes, ou Siboney, a música carregada de drama que bem poderia ser o tema da sua vida: Siboney, *yo te quiero, yo me muero por tu amor...*

Daniela Arrais é jornalista.

RICARDO TOSCANI



Uma falação desembestada sobre o amor

Xico Sá é um caso raro de escritor que gosta de “discutir a relação”

Flávia de Gusmão

Xico Sá é um homem cheio de palavras. Se Xico fosse objeto de apreciação dos personagens das *sitcoms* norte-americanas (pelas quais eu nutro um vício incapacitante), alguém, a certa altura, se referiria a ele como “full of shit”. O diálogo seria mais ou menos assim: “Esbarrei com X.S. ontem, tá lembrado dele?”. “Uau, man, claro, esse cara é cheio de merda”. E ainda bem que é assim, porque com sua prolixidade obsessiva em torno de um único tema: homem e mulher, ou melhor, a (des) união entre eles, Xico nos absolve, eu digo, a nós, fêmeas, de uma meia-verdade que tem transformado qualquer evolução neste terreno em algo impossível.

Convencionou-se achar que discutir relacionamento (a já banalizada DR) é coisa de mulher. De mulher, não, pior, de mulherzinha, no diminutivo mesmo, que é para deixar bem demarcada a necessidade de inferiorizar. Literatura mulherzinha, jornalismo mulherzinha, coluna mulherzinha, editoria mulherzinha, música mulherzinha, mulher mulherzinha.

Faz tempo, comecei a desconfiar que isso acontece porque essas pessoas, na verdade, temem qualquer discurso que se estenda por mais páginas, laudas, minutos, dias, meses ou anos do que a limitada capacidade individual é capaz de receber. Quanto mais quantidade, quanto mais repetição, quanto mais recorrência, mais hostilidade. Daí colocar no mesmo balaio, como sinônimos, “palavras” e “merda”. Inevitavelmente, quando alguém está repleto do que dizer, cheio de palavras, ele está, no senso comum, cheio de merda.

Desconhecedora que sou da etiqueta dos sites de relacionamento, mídia que conta cada vez mais com minha mórbida curiosidade, respondi a um pretendente com uma singela cartinha de quatro parágrafos. Perguntem a Xico Sá, que tem os mesmos 47 anos que eu, com quantas páginas se fazia uma carta decente “antigamente”? A resposta que recebi foi esclarecedora e só confirmava minha desconfiança inicial. Como “assunto-título” de sua resposta, o pretendente virtual resolveu me categorizar como “Full Mind”. Traduzindo do inglês, “Mente Cheia”. Se eu desse mais ousadia, tenho certeza que, na próxima correspondência, ele completaria: “de merda”.

Fico imaginando se o pobre Aristóteles tivesse nascido nos dias de hoje. Ele, que vai pra frente e vai pra trás tentando compreender conceitos como amizade, amor, virtudes, coragem, o prazer, a moderação e muito mais, teria sua obra fundamental *Ética a Nicômaco* sem dúvida colocada ao lado dos livros

Lança mão da alta e da baixa literatura para disfarçar, mas o fato é que Xico é tão mulherzinha quanto eu ou você

de auto-ajuda, bem rente à literatura mulherzinha que discute as relações.

O fato é que os argumentos contra a discussão de relação, qualificando-a como algo inerente à psique feminina, servem a um propósito. O propósito daqueles que não falam muito sobre nada simplesmente porque não lhes ocorre nada de interessante a dizer. O mesmo pretendente mencionado no parágrafo acima ainda teve o desplante de dizer que leu a minha cartinha do coração pela metade, afinal, era muito comprida. Damn him.

Xico Sá vai contra a corrente porque ele toma das mãos das mulheres o cetro de rainhas da falação desembestada sobre o amor (ou algo parecido). Mas, justiça seja feita, ele faz isso travestido de macho. Usa palavras que nós, mulheres, não usaríamos; rejeita figuras icônicas das quais nenhuma mulher ou bicha ousaria desdenhar, como o quarteto de *Sex and the City*. Lança mão da alta e da baixa literatura para disfarçar, mas o fato é que Xico é tão mulherzinha quanto eu ou você. E foi aí que ele descobriu a chave secreta para o coração feminino. Xico é a colega que a gente ama ter do lado, mas com uma vantagem: se transforma em homem quando a situação (ou desejo) assim exige. Embora negue ser um conquistador, ele devia era fazer workshop para os caras que estão por aí e morrem de medo de palavras, especialmente daquelas que endeusam ou demonizam o amor.

Flávia de Gusmão é jornalista e assina a coluna *sexo@cidade* no Jornal do Commercio.

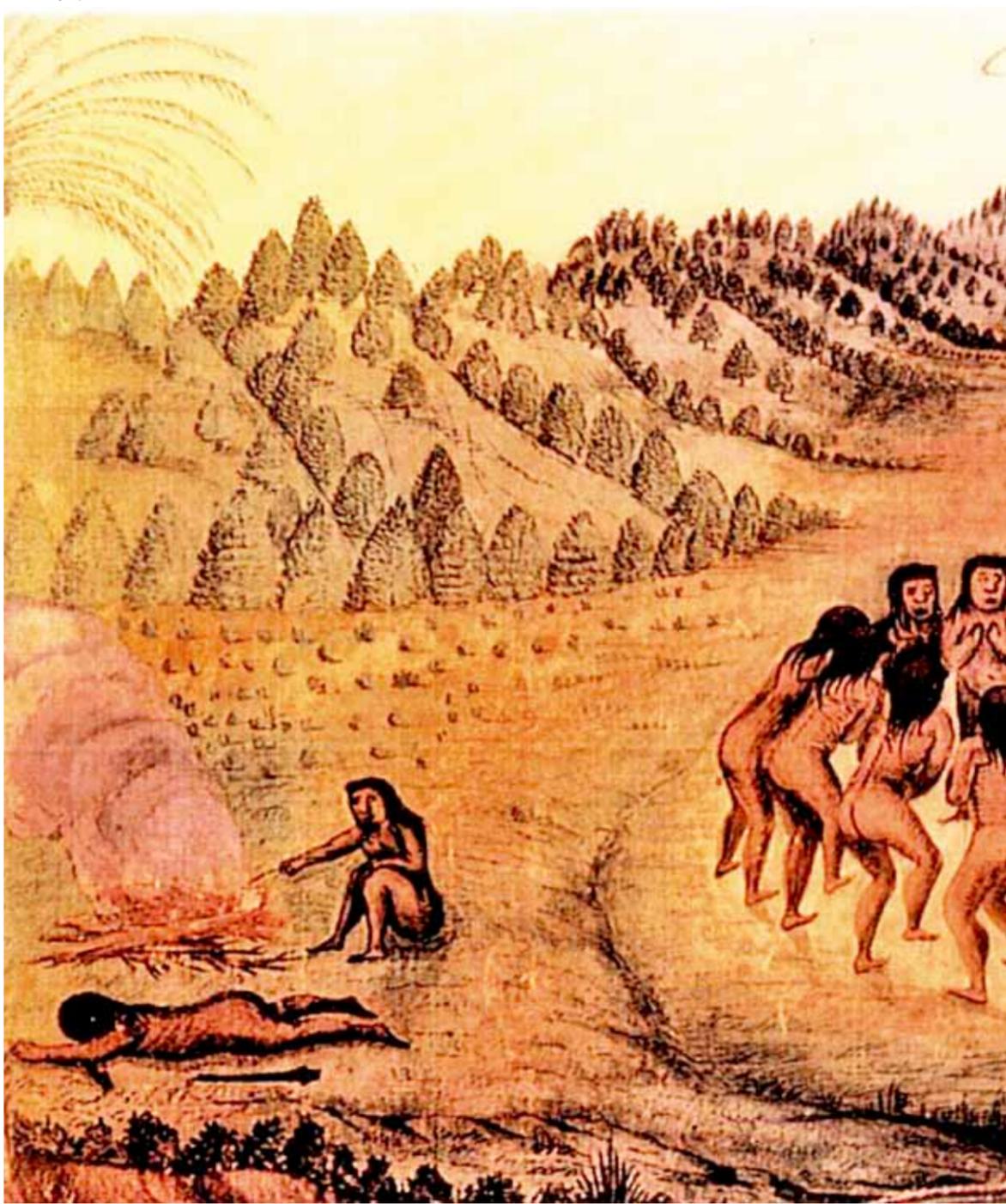
ARTIGO

A invenção de um lugar chamado Sertão

Como a sociedade açucareira colonial criou o conceito dessa região

Kalina Vanderlei Silva

REPRODUÇÃO/ NATIONALMUSEET, COPENHAGEN



Durante quase todo o século XVI e o XVII a colonização portuguesa na América se manteve em uma faixa litorânea de terra que hoje equivale ao litoral do Nordeste do Brasil. E construiu nessas terras uma sociedade baseada na exploração das plantações de cana-de-açúcar e no trabalho escravo indígena e africano. Foi nela também que fundou núcleos urbanos que cresceram bem rápido, margeados por canaviais que iam pouco a pouco substituindo a floresta, e nos quais uma elite de descendência portuguesa se esforçava por transplantar para as terras açucareiras a cultura da nobreza ibérica, tanto seus hábitos cotidianos e regras éticas e estéticas, quanto, é claro, a rígida hierarquia social que marcava a metrópole.

Nesse cenário, Salvador e Olinda logo despontaram como os dois mais importantes núcleos urbanos, lar para elites que comandavam a produção açucareira e o governo local e influenciavam as chamadas “capitanias anexas”: as terras que se estendiam desde o sul da Bahia até o Ceará. Sempre pelo litoral. Mas nessa imensa região o dinamismo urbano não se restringia aqueles dois poderosos núcleos, e outras vilas efervesciam, como Goiânia, Tracunhaém e Porto Calvo, do lado pernambucano, e Cachoeira e Camamu, no Recôncavo Baiano. Eram cidades e vilas com grande diversidade humana, habitadas por africanos, cristãos-novos, portugueses, mulatos e mamelucos que cotidianamente interagiam, produzindo um universo social e cultural complexo.

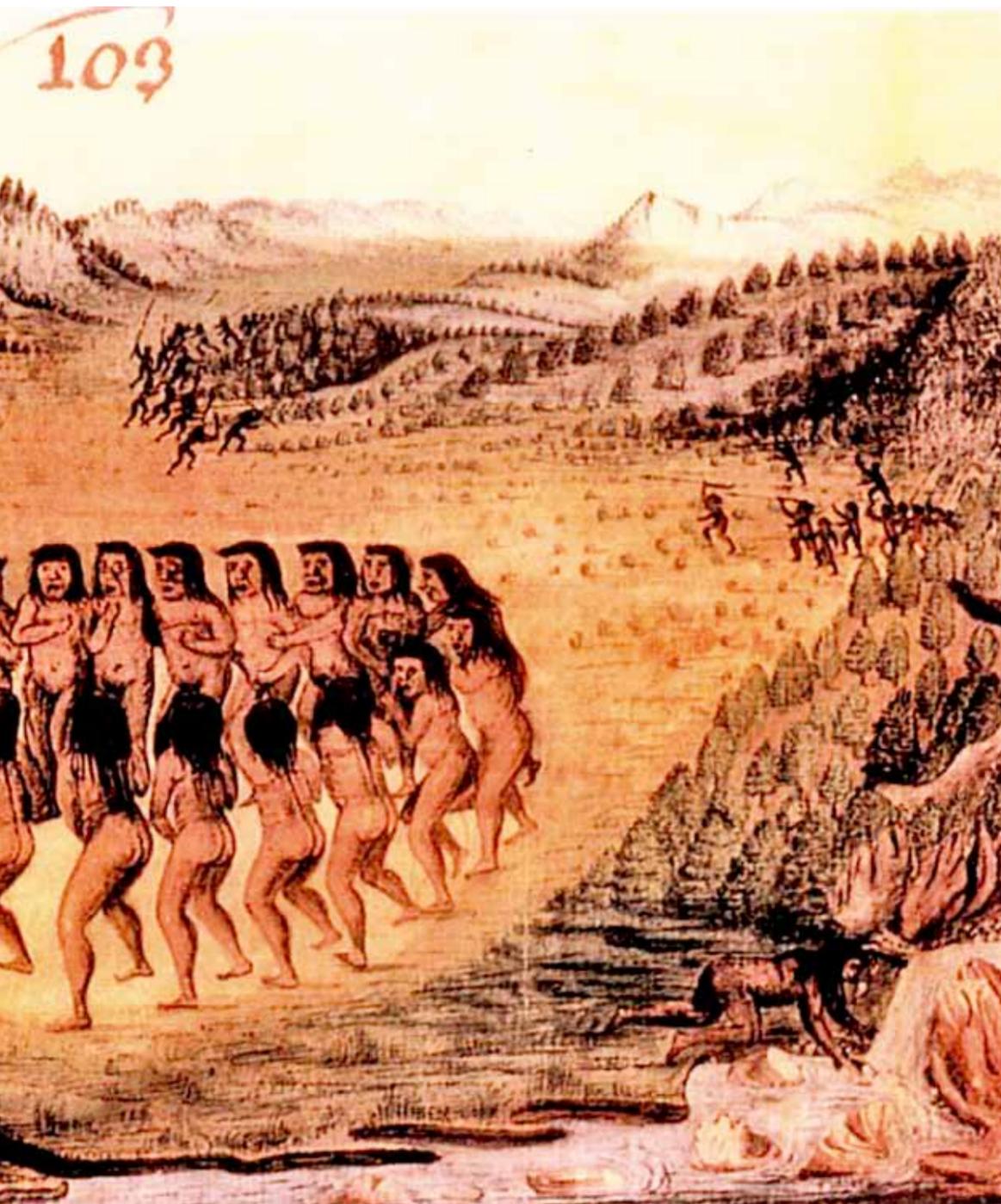
Para além do domínio que aquelas elites exerciam desde seus engenhos e suas residências urbanas, era a Igreja Católica que pairava hegemônica sobre o cotidiano do mundo do açúcar, controlando desde o nascimento à morte dos indivíduos, através de uma cultura cerimonial e festiva. Nas ruas de Olinda, Salvador e suas vilas vizinhas gente livre e escrava celebrava, separada em seus grupos sociais e étnicos

específicos, festas para santos, procissões fúnebres e, é claro, todo o calendário de datas comemorativas estabelecido pela Igreja e pela Monarquia. E apesar de que nesse palco barroco os escravos, forros, pardos e cristãos-novos procuravam reter as imposições culturais eclesiásticas e régias de diferentes maneiras, construindo toda uma cultura mestiça que não deixava também de influenciar os altos estratos sociais, era mesmo a elite açucareira quem ditava as regras da cultura oficial. De seus assentos nas mais importantes irmandades e nas câmaras municipais os senhores de engenho se espelhavam na nobreza ibérica para construir, através da ostentação de luxo e ócio em grandes festas públicas, uma cultura fidalga que, acreditavam, estava civilizando as terras americanas. Uma civilização, no entanto, não apenas etnocêntrica e escravista, mas extremamente hierárquica e ostentatória.

E, nem mesmo a ocupação da região, entre 1630 e 1654, pela Companhia de Comércio das Índias Ocidentais – a holandesa WIC – destruiu essa concepção. Pelo contrário, as elites açucareiras emergiram do período holandês fortalecidas cultural e politicamente. E, assim fortalecidas, começaram a se expandir para fora do litoral, adentrando os interiores continentais e criando, na esteira de seus currais de gado e rotas de comércio, uma nova sociedade colonial baseada em uma ideia, a de Sertão. Na verdade, muito mais do que conquistar o Sertão, o mundo açucareiro o inventou a partir de uma imagem que já existia antes mesmo dos colonos começarem a criar gado longe da Mata Atlântica: a ideia de grandes vazios incultos. A conquista, propriamente dita, o conflito com os grupos indígenas continentais e a implantação da pecuária, viria depois.

Assim, se atualmente o Sertão é um espaço político, físico e social bem delimitado, geogra-





ficamente definido a partir do conceito de região, esse é um fenômeno recente, originário do cientificismo do século 19. De fato, os espaços também têm história e a do Sertão começou com uma ideia vaga na cabeça das gentes do açúcar e foi se transformando, à medida que as pessoas acreditavam verem aquela imagem nos espaços continentais, em uma série de intensos conflitos com os grupos indígenas do semiárido, iniciados na segunda metade do século 17.

A palavra em si é mais antiga que a colonização: deriva da portuguesa 'deSertão', que, no século 16, significava basicamente um lugar onde não havia súditos do rei de Portugal. E cedo o Sertão colonial passou a representar essa imagem da ausência de súditos, ou seja, de colonos. E nesse sentido não dizia respeito a um deserto físico, e nem mesmo a um espaço vazio: os habitantes nativos, por exemplo, eram reconhecidos como moradores dos sertões continentais, somente não eram reconhecidos como vassallos do rei, ou mesmo como gente útil à colonização. Para o imaginário açucareiro, todos os lugares às margens da colonização, distantes daquelas formas de exploração econômica, em geral escravistas, que caracterizavam o que era considerado civilizado, eram sertões e pouco importavam as características climáticas, de relevo ou de vegetação. Além disso, com a expansão gradativa da conquista o Sertão era um espaço sempre em mutação.

Até à consolidação das Minas Gerais, no século 18, o espaço civilizado colonial por excelência foi a área açucareira, para quem Sertão era todo lugar desconhecido, indefinido, todo espaço considerado selvagem e perigoso, mas também cheio de riquezas prometidas. Sertões eram as matas marginais que limitavam as áreas de engenhos e as serras onde os índios se refugiavam, eram os planaltos semiáridos e as caatingas distantes. E

todos que vivessem nesses espaços eram tidos como selvagens por excelência: os habitantes dos sertões eram, em si, pequenas representações individuais da imagem açucareira para os interiores continentais. Eram os incivilizados, os bárbaros, a gente que, por estar fora da área colonizada e por se recusar a se submeter aos projetos coloniais, era vista como perigosa e inculta. E nesse discurso os colonos encaixavam tantos os indígenas nativos dos interiores continentais, quanto os quilombolas que para lá haviam fugido. Eram todos, igualmente, inimigos da colonização.

Essa representação do Sertão e de seus habitantes estava por todo lugar, desde as autoridades coloniais e os religiosos que serviam de missionários nos interiores e consideravam toda a região como desolada e assustadora, até os escritores e artistas. E um bom exemplo da propagação de tal imagem é a gravura do holandês Zacharias Wagener chamada *A Dança dos Tapuias*. Wagener, que servira por um tempo como pequeno funcionário do governo de Nassau no Recife, publicou sua obra, o *Thierbuch*, ao voltar à Europa, direcionada para um público plebeu ávido por notícias dos mundos 'exóticos' no além-mar. E entre as ilustrações publicadas estava sua versão da 'dança dos tapuias', tema usado também por Eckhout. Nela vemos o que seria, para o autor, uma cena típica do cotidiano dos tarairius, um dos mais importantes grupos indígenas do interior do Rio Grande do Norte. Mas a cena não retrata um lugar realmente visto e visitado pelo autor, e sim um Sertão imaginado que ele montou com base nas informações que recolheu enquanto convivia com a gente das vilas do açúcar.

E assim sua ilustração não retrata o que era o Sertão, mas o que se acreditava, na zona do açúcar, que ele fosse. Nela vemos uma área de descampado cercada por pequenos morros cobertos

esparsamente por árvores simétricas que lembram muito o pinheiro europeu. Não se vê em nenhum lugar habitações ou plantações, ou outros sinais quaisquer de construções humanas. O cenário é uma vastidão aberta onde as figuras humanas são quase animais e no qual dois grupos podem ser percebidos: um grupo de mulheres em primeiro plano, concentradas no que parece uma cerimônia de canto, e um de guerreiros armados, no fundo, em pleno ataque à cena principal.

Mas as armas dos guerreiros são os únicos objetos na cena. Elas, e a pequena fogueira, são os únicos indicativos de que a gente retratada teria alguma cultura que fosse. De resto, os personagens quase se assimilam ao cenário natural: uma mulher bebe água em posição animal enquanto o que parece ser um cadáver espera para ser cozido perto da fogueira.

A vegetação retratada, estranha ao semiárido, é a primeira pista de que o artista nunca esteve no Sertão dos tarairius. O cadáver para o pretense banquete é a segunda: os europeus associavam muito facilmente o canibalismo a qualquer grupo indígena, sem distinção, e sem entender muito bem do que se tratava. Além disso, as mulheres índias sem quaisquer adornos, e a inexistência de utensílios indicativos da cultura material, como vasilhames ou choças, são outros bons exemplos de que o autor pouco ou nada sabia sobre o tema e

Para o imaginário açucareiro, os lugares às margens da colonização, distantes da exploração econômica escravista, eram sertões

os personagens pintados. A dança dos tapuias de Wagener ilustra muito melhor a crença do pintor e das gentes das vilas açucareiras sobre o que era o Sertão e seus habitantes do que qualquer conhecimento concreto sobre essa região. O que ela retrata é uma imagem de desolação, barbárie e ausência de civilidade.

A zona do açúcar interpretava o Sertão como o espaço do barbarismo porque pensava em si mesma como o espaço da civilização. No final do século 18, quando a sociedade sertaneja já era uma realidade, um dicionário da língua portuguesa, escrito pelo erudito Antonio de Moraes Silva, ainda definiria o Sertão como o interior, o coração das terras, oposto ao marítimo, às praias e à costa. Ainda o "mato longe da costa." Ou seja, mesmo depois de terminados os conflitos e o processo de conquista do interior continental, e mesmo depois de fundada na região uma nova sociedade colonial, aquela primeira ideia de Sertão como uma área bravia, selvagem, agreste, não se extinguiu de todo. Mesmo depois da independência, o Sertão continuaria sendo, para o litoral, o lugar do inóspito ou do exótico; o interior bravio porque sem lei.

Kalina Vanderlei Silva é doutora em História, professora e autora de *Nas solidões vastas e assustadoras: A conquista do Sertão de Pernambuco pelas vilas açucareiras nos séculos XVII e XVIII* (CEPE, 2010).

O LIVRO



Nas solidões vastas e assustadoras
 Editora Cepe
 Páginas 269
 Preço R\$ 30

RESENHA

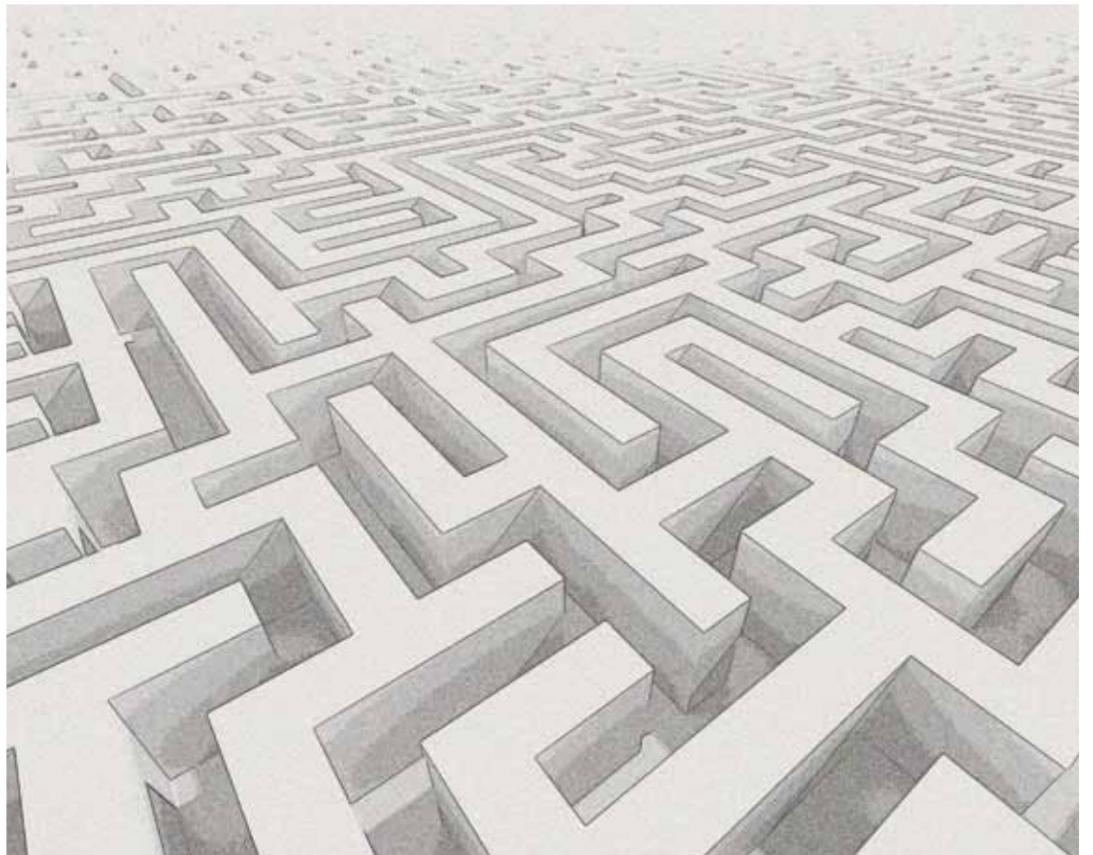
É tortuoso o caminho que leva à ideologia

Novo livro de Alfredo Bosi mostra como ter uma ideia virou item de luxo

Eduardo Cesar Maia



HALLINA BELTRÃO



O novo livro do crítico literário paulista e professor da USP Alfredo Bosi, *Ideologia e contraideologia* (Companhia das Letras, 448 págs., R\$ 58), é coisa rara no atual ambiente acadêmico – e no meio intelectual brasileiro em geral. E é incomum não pelo tema ou pelas referências utilizadas, mas sim pela capacidade do autor, que hoje está com 73 anos, de aliar ao conhecimento especializado – em seu caso, o literário – ao saber mais geral, que inclui campos como a filosofia, a sociologia, a história, a política e, talvez com menos competência do que nas demais áreas, a economia. Essa tentativa de compreensão integradora, comum no Brasil entre intelectuais polímatas de meados do século passado, virou item de luxo numa época que valoriza sobremaneira o conhecimento dos chamados especialistas.

Ideologia e contraideologia é uma obra realmente ambiciosa e cobre praticamente seis séculos de debates a respeito do termo “ideologia”, que foi utilizado pela primeira vez na França, em 1796, por Destutt de Tracy. Logo em seguida, Napoleão Bonaparte classificou de Tracy e seus companheiros ideólogos como “deformadores da realidade”. A partir daí, o vocábulo não parou mais de se desenvolver e permitir os mais diversos – e até contraditórios – usos. Para tratar da complexa trajetória e das mais diferentes significações que a palavra foi recebendo, A. Bosi revisitou diversos escritores e pensadores de diferentes vertentes teóricas: Montaigne, Francis Bacon, Locke, Montesquieu, Condorcet, Hegel, Durkheim, Simone Weil, Antonio Gramsci, entre muitos outros, são analisados pelo autor. No Brasil, destaca-se no estudo o pensamento de Celso Furtado, Joaquim Nabuco, Lindolfo Collor e o obrigatório Machado de Assis.

A abrangência do estudo de Alfredo Bosi, que é membro da Academia Brasileira de Letras,

coloca-o na linha de grandes ensaios como *Rumo à estação Finlândia*, de Edmund Wilson, sobre a história e desenvolvimento das ideias socialistas, ou das obras acerca da história do pensamento político escritas por Isaiah Berlin. Num país como o Brasil, que sofre de confusão ideológica crônica desde sua formação (vide nossa abstrusa configuração político-partidária), esse livro cumpre o papel fundamental de pelo menos tentar colocar cada ideia em seu lugar. Obviamente o longo ensaio é marcado – e não poderia ser de outro modo – pelas idiosincrasias político-ideológicas do autor, o que não desmerece em nada a obra, mas que, em certos momentos exige por parte dos leitores um olhar atento e crítico.

No livro, A. Bosi privilegia, por um lado, a acepção de “ideologia” proposta por Karl Marx e Friedrich Engels em *A ideologia alemã*, obra em que eles investem contra a visão liberal de sociedade como mera emissária dos escusos interesses da elite burguesa – uma forma de falsa consciência que se pretende universal; e, por outro, a vertente sociológica e historicista de caráter marcadamente weberiano, que analisa as diferentes ideologias como “visões de mundo” que podem, de forma complexa e conflituosa, existir numa mesma sociedade e num mesmo período histórico. Entre as duas visões apresentadas, a primeira se sobrepõe: A. Bosi, em diversas partes da obra, parece querer nos mostrar que a ideologia é principalmente uma tentativa de camuflar interesses particulares e mesquinhos, coonestando-os e vendendo-os como a única e universal realidade possível. Já a contraideologia, para ele, é sempre bem-intencionada e voltada para o bem de todos.

SENSO COMUM

Apesar da competência intelectual indiscutível, o autor cai no mais puro senso comum em alguns momentos, como é normal numa

obra desse alcance e amplitude. Sua crítica à economia globalizada contemporânea, que ele classifica e generaliza como neoliberal, padece de falta de conhecimento técnico e de simplificação excessiva. Outro ponto discutível é a noção, que permeia quase todo o longo ensaio, de que toda a rica história do pensamento liberal pode ser resumida na defesa da propriedade privada e do livre mercado e que se trata simplesmente de uma falsa consciência que na verdade visa exclusivamente à defesa do status quo. Em um dos capítulos mais interessantes do livro, A. Bosi discute a concepção que “ideologia” assume no pensamento do sociólogo Karl Mannheim, que acreditava que uma argumentação ideológica não é sempre uma mistificação ou a tentativa de defender os interesses de uma determinada classe social.

Um conveniente exercício intelectual para o leitor interessado em analisar visões opostas sobre história do pensamento político é cotejar o livro de Bosi com uma obra muito importante e menos lida do que merece: trata-se de *O liberalismo, antigo e moderno*, publicada em 1991, do já falecido crítico literário e diplomata José Guilherme Merquior. A partir dessa comparação fica claro que o conceito de “ideologia” é, digamos, muito “poluído” pela variedade de acepções que recebeu durante a história.

Em um dos capítulos mais esclarecedores de *Ideologia e contraideologia*, o autor deixa claro que, em se tratando de arte, a ideologia nunca deve servir como explicação total, mesmo que seja parte importante da concepção do artista. A densidade e complexidade de um bom romance, por exemplo, transcenderia a mera tentativa exclusivamente persuasiva de qualquer discurso ideológico que, por natureza, acredita-se portador de “verdades universais”.

Eduardo Cesar Maia é jornalista e doutorando em teoria literária.

LITERATURA

Não basta rezar, é necessário ir para o céu

Romance de Tolstói revela sua angústia religiosa e o tormento do pecado

Raimundo Carrero

DIVULGAÇÃO



Na fria manhã de abril na Rússia dos czares, uma maltratada prisioneira sai da prisão fétida para ir a julgamento. Naquele instante apresentava-se a principal metáfora de Tolstói, o romancista que experimentou na carne e no sangue, a rigor, o Evangelho de Jesus Cristo. Mais do que uma personagem, o que aparecia nas primeiras páginas de *Ressurreição* era a imagem viva de uma vítima do pecado – o poderoso pecado que modificaria, sem dúvida, a trajetória do escritor e do profeta Tolstói.

A história de Maslova se confunde com a própria história do intelectual. Era um homem atormentado por Deus, lutou pelos mais pobres e terminou excomungado pela Igreja Ortodoxa, porque, entre outras coisas, criticava os ritos da Santa Missa e radicalizava em defesa dos mais pobres. E era um conde. Um conde que levou a sério o Evangelho, despojando-se da fortuna e entregando as terras que tinha ao camponeses. É claro que isso provocaria mudanças substanciais em sua vida, inclusive no relacionamento com a esposa, que não concordava com seus ideais religiosos.

Maslova, de certa forma, fora vítima do próprio escritor. Quer dizer: na juventude, conde e rico, o artista abusou de uma moça, uma jovem empregada de um dos seus parentes, levando-a à prostituição. Expulsa da casa dos próprios pais e também dos patrões, ela

percorreu o trágico caminho dos miseráveis russos: perambulou pelas estradas, pelas casas de prostituição, até ser obrigada a roubar para não morrer de fome. Mais tarde, Tolstói ouviu falar dela através de um amigo e aí começou o seu esforço para se tornar um homem dedicado, inteiramente, aos princípios de Jesus Cristo.

Naquela manhã em que começa o julgamento, a vida do autor russo já estava inteiramente mudada. Entregara-se aos preceitos religiosos, defendendo fundamentalistas – desaprovados pelo império – e se devotava à causa dos humildes, viajando pelo interior do país, lançando manifestos e confrontando-se com os autores. Num raro episódio de sua vida literária, resolveu cobrar direitos autorais pelos seus livros, para investir na causa religiosa. É que, até aquele momento, ele não cobrava direitos autorais – porque achava que as pessoas deviam ter acesso fácil aos livros. Era traduzido e distribuído à farta sem requerer dinheiro. Por isso, quando o fato se repetiu com *Ressurreição*, ele não gostou. Começou a fazer cobranças, no que foi atendido. Distribuiu o dinheiro com os pobres e começou uma verdadeira reforma agrária nas suas terras.

Uma nova edição do romance está sendo lançada no Brasil pela Companhia das Letras, com exemplar tradução de Rubens Figueiredo, que assina também uma introdução erudita e trabalhada do que tem sido não só este livro, mas

sobretudo a obra do russo para a literatura universal. Sem dúvida, um trabalho de grande qualidade, que coloca o leitor brasileiro diante de um monumento literário importante e que situa a força do texto na literatura universal. Alguns críticos veem defeitos no livro, justamente por causa da radical transformação religiosa que se passava na alma do intelectual e erudito estudioso daqueles tempos.

Trata-se, portanto, de uma literatura visceral que precisa ser lida e examinada, minuciosamente, pelo leitor brasileiro, sobretudo num instante em que a literatura se pretende mais jornalística, sem o aprofundamento de que necessita, tratando dos temas com superficialidade, sob a alegação de que o leitor tem pressa e não pode perder tempo com romances e poemas. A edição da Companhia das Letras, todavia, exige a atenção cuidadosa do leitor, até pela preciosa apresentação de Rubens Figueiredo. No romance, atualíssimo, por sinal, coloca-se em questão o comportamento ético e moral de uma sociedade, com o peso religioso. Justamente, numa época em que tudo pode ser feito e realizado sem que houvesse um exame de consciência, e em que a culpa encontrou em tudo relatividade. Talvez seja essa a maior força deste romance, e que levou a encontrar defeitos de estrutura e de montagem.

É possível que esses defeitos possam ser revistos.

História, ciência e atualidades em bons livros



Assine.
Revista Continente.
Conteúdo é tudo.
0800 081 1201

e-mail: assinaturas@revistacontinente.com.br



DICIONÁRIO COROGRÁFICO, HISTÓRICO E ESTATÍSTICO DE PERNAMBUCO

Sebastião de Vasconcellos Galvão
Publicados em 1908, 1910, 1922 e 1927, os volumes do *Dicionário Corográfico, Histórico e Estatístico de Pernambuco*, de Sebastião de Vasconcellos Galvão, ganharam reedição sob a coordenação de Leonardo Dantas.

RS 150,00



EÇA DE QUEIROZ - AGITADOR NO BRASIL

Paulo Cavalcanti
(edição em inglês e português)

Eça de Queiroz, agitador no Brasil, de Paulo Cavalcanti, é um livro que amplia a visão da última revolta em Goiana, província de Pernambuco, Brasil, ao examinar a maneira como os pernambucanos reagiram contra o arbítrio e o domínio português.

RS 30,00



O GIRASSOL

Garibaldi Otávio estreia na literatura com o livro *O girassol*, coletânea de textos de toda uma vida. Mauro Mota observava, já em 1950, que a poesia de Garibaldi Otávio tem "a imagística sem parentesco, o descritivo mas penetrante, tirando sangue do mímico das coisas".

RS 40,00



HISTÓRIA DA GUERRA DE PERNAMBUCO

Diogo Lopes Santiago
É um testemunho pessoal de Diogo Lopes Santiago, que residia em Pernambuco à época da invasão holandesa e ao início da Insurreição Pernambucana, em crônicas e diários, resultando numa narrativa mimuciosa.

RS 40,00

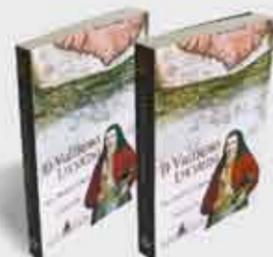


DIÁRIO DE UM SOLDADO

Ambrósio Richshoffer
OLINDA CONQUISTADA

Frei João Baers
Coletânea sobre o período do Brasil holandês, apresenta as obras de Ambrósio Richshoffer e do Pe. João Baers. Duas visões de um mesmo momento histórico, descrevendo o dia a dia do domínio holandês no Brasil.

RS 30,00



O VALEROSO LUCIDENO

Frei Manoel Calado
Os dois volumes englobam uma extensa bibliografia sobre o Brasil holandês, e contém o testemunho do frei Manoel Calado do Salvador, um contemporâneo e participante da ocupação holandesa no Nordeste.

RS 25,00 (unid.)



O CASO EU CONTO COMO O CASO FOI

Paulo Cavalcanti
Composta por quatro volumes, a obra, que tem como subtítulo geral *Memórias Políticas*, narra as experiências de Paulo Cavalcanti dentro do contexto sociopolítico que vai da Coluna Prestes ao fim da ditadura.

Caixa com 4 livros - RS 120,00



DOM HELDER - CIRCULARES CONCILIARES E CIRCULARES INTERCONCILIARES

Luiz Carlos Luz Marques e Zildo Rocha (Org.)
Em cerca de 600 cartas, Dom Helder Câmara expõe suas ideias e relata sua atuação nos bastidores do Concílio Vaticano II, que levou a Igreja latino-americana a assumir a opção pelos pobres e a tomar partido pela justiça social.

Caixa com 6 livros - RS 160,00



MARCO ZERO

Alberto da Cunha Melo
O jornalista e poeta pernambucano Alberto da Cunha Melo assinou a coluna Marco Zero, na revista *Continente*, sobre questões culturais. Este livro é uma coletânea de seus melhores momentos.

RS 24,00

LANÇAMENTOS RECENTES



A NOITE SEM SOL
Luiz Arraes
Em seu novo livro de narrativas, Luiz Arraes fala de seres urbanos solitários, às vezes com a violência e o sentimento de perda, e, também, em busca de um sentido para suas vidas. São contos curtos, claros e afiados, que deixam marcas na consciência do leitor.



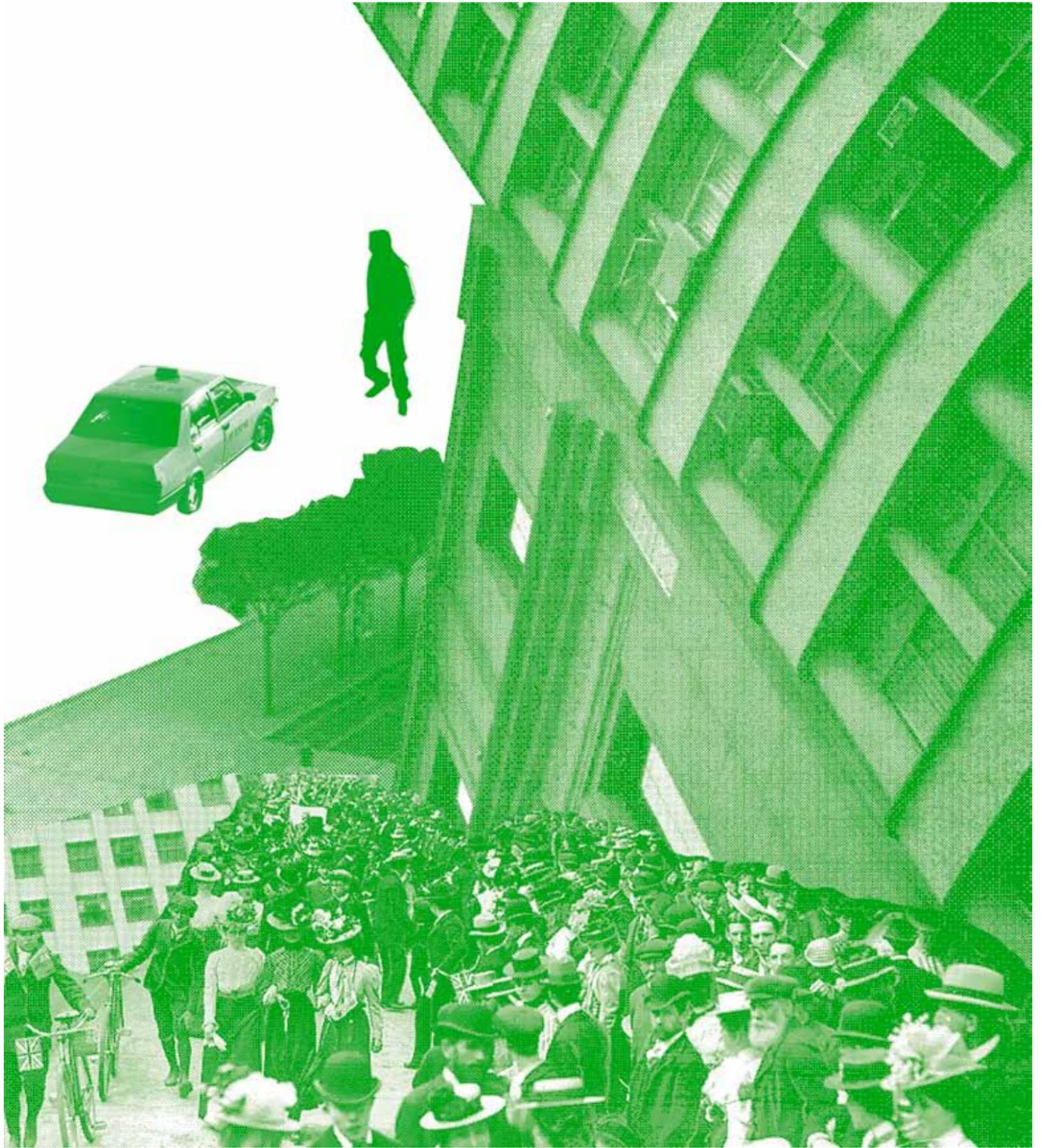
ESTÃO TODOS DORMINDO
Edson Nery da Fonseca
Essa coletânea de perfis de personalidades marcantes da cultura brasileira, nos quais Edson Nery da Fonseca mescla informações precisas com citações literárias e testemunho pessoal, numa prosa límpida, elegante e tão envolvente que transforma o leitor em cúmplice do que narra.



DE RUAS E INTINERÁRIOS
Alexandre Furtado
De ruas e intinerários é o primeiro livro de Alexandre Furtado. A obra reúne poemas com um olhar sobre o Recife, num roteiro íntimo que liga a nostalgia do passado com os rimos às vezes amargos do presente, mas sempre demonstrando seu amor pela cidade.

INÉDITOS

Ney Anderson



Janela secreta

O centro da cidade estava agitado. Pessoas passavam sem parar. Olhava aquela gente toda como se fossem glóbulos vermelhos. E na verdade eram. Fui andando pela rua, olhando as vitrines das lojas, vários anúncios de emprego. Vi a mulher entrando no prédio abandonado.

O meu pai havia enfrentado sérios problemas de saúde. Tinha lido num desses livros de autoajuda que as coisas aconteciam por que o destino queria que acontecessem, o engraçado era que esses autores quase sempre apareciam envolvidos em escândalos como se fossem personagens deles mesmos.

O velho começou a sorrir quando a médica entrou no quarto e disse que ele só iria ter mais algumas semanas de vida. Ele achava graça em tudo, até na própria morte. Era dado a essas brincadeiras. Nunca mais esquecerei seu sorriso.

Atravessei a rua para pegar o ônibus, tropecei, mas consegui chegar a tempo. Tudo parecia mais tranquilo. Cheguei em casa sob forte chuva, na entrada do edifício muita água escorria por baixo dos carros. Acenei para o vizinho que me olhou com uma cara estranha. Mal comecei subir a escada já ouvi os gritos da síndica cobrando a taxa do condomínio.

Olhei pela janela e vi um táxi parado em frente ao edifício. Tudo normal com o carro, a não ser por um pequeno amassado na parte de trás. Com esse trânsito louco isso era natural.

Fui dormir cedo. Não estava interessado nas bobagens do *Jornal Nacional*.

Acordei com batidas na porta. É da polícia, falaram lá de fora. Levantei atordoado. Em pouco tempo já estava sendo levado para a viatura.

Trinta e cinco anos de cadeia. Foi esse o veredito do juiz.

Havia saído apenas uma vez com a prostituta e não tinha sido uma noite das melhores.

O taxista falou no depoimento que eu sai correndo do prédio e esbarrei no carro. Tudo mentira do safado.

Alguém estava pagando para ele fazer toda a encenação. Acho que pagaram muito mais para o juiz, a montagem era tão real, eu mesmo estava quase acreditando.

A câmera de vigilância me mostrava atravessando a rua, entrando no prédio abandonado, e minutos depois correndo para fora dele. Onde antes havia entrado aquela mulher. Tecnologias a serviço do mal. Bem que o Padre havia falado.

As músicas que ouvia quando era criança ficaram gravadas na minha memória. As melodias que às vezes me faziam chorar, canções que falavam quase sempre de amores acabados, paixões passageiras. Uma época boa. Minha mãe com um cigarro no canto da boca. Meu pai dormindo. Um cenário que irei lembrar sempre.

Terei que ficar com essas lembranças agora. Ou melhor, juntar com outras que não sei se são minhas ou fruto de algo que colocaram na minha cabeça.

Dentro da cela lembrei do corpo. Estava coberto por um lençol. Olhei pela janela. Sorri. Um sorriso sem culpa. Vagabundo. Loucos não têm culpa.

Nesta seção, mantemos o texto original dos autores

SOBRE O AUTOR

Ney Anderson é estudante de jornalismo e publica regularmente em revistas e antologias

INÉDITOS

Gerusa Leal

KARINA FREITAS



Trinta e três

Era uma raridade ir ao médico, há cinco anos não fazia sequer um checkup. Viveu até os trinta e quatro sem precisar passar na porta de um hospital, a não ser para visitar parentes ou amigos menos afortunados. Saúde de ferro.

Tudo ia bem até uma pontada interromper a leitura. Uma dor forte, no alto e no meio do estômago, feito quando numa briga de crianças levava um soco do irmão pequeno que por haver atingido exatamente esse ponto lhe deixara alguns segundos sem fôlego e sem fala. Passou uma noite do cão, arrancada muitas vezes do sono por cólicas – daquelas que não se acanham de doer seja em que posição se fique –, rolando na cama e gemendo. Antiácido, bolsa de água quente, nada deu jeito, maldita feijoada.

Assim que amanheceu, apesar dos conselhos da colega, a quem ligou pedindo que avisasse que ia se atrasar no trabalho, para que fizesse feito ela, se tratasse com ervas – e após ouvir impaciente a receita de um chazinho infalível, que resolvia tudo e você não ficava se envenenando com essas porcarias de remédios que causavam tantos efeitos colaterais –, correu para o pronto socorro que o diabo é quem quer ter outra noite igual a essa.

Contou ao médico tudo que a incomodava, sua mãe já dizia: de padre e de médico não se guarda segredo, não se esconde nada. Abriu a boca e o coração, e o doutor nem esperou que ela falasse tudo que precisava e já a dispensou com um grito de O próximo, e uma receita na mão.

Teve de passar em meia dúzia de farmácias até algum balconista decifrar a letra do médico.

Enfim chegou no trabalho com o remédio, que já começou a tomar conforme a prescrição. As dores diminuíram mas passou a sentir um desconforto

estranho na barriga. Já estava mesmo de consulta marcada com o cardiologista, em quem confiava cegamente, e assim mal não fazia empurrar dois ou três dias com a barriga – que agora estava inchada e dolorida –, chá de boldo com carqueja e muita água.

De longe vinha a voz do pai dizendo que não gostava de ir a médico, sempre acabam achando alguma coisa errada, alguma peça com defeito; as pontadas recomeçando.

Depois de outra noite em claro andando de um lado para o outro dentro de casa, foi para o cardiologista. Antes não tivesse ido, se arrependera sim. Disse ao doutor que estava com náusea, má digestão, cólicas, será que podia lhe prescrever um remédio mais forte, que o antiácido não estava fazendo efeito? Mas o médico, apesar de jovem, era dos antigos. Mediu pressão, auscultou, apertou daqui e dali e somando tudo ainda ficou entre duas possibilidades, vesícula ou estômago. Solicitou ultrassonografia e o laudo a transformou numa feliz portadora de pedras nos rins.

Lá vinha de novo a voz do pai: não te falei?

Foi encaminhada a um urologista.

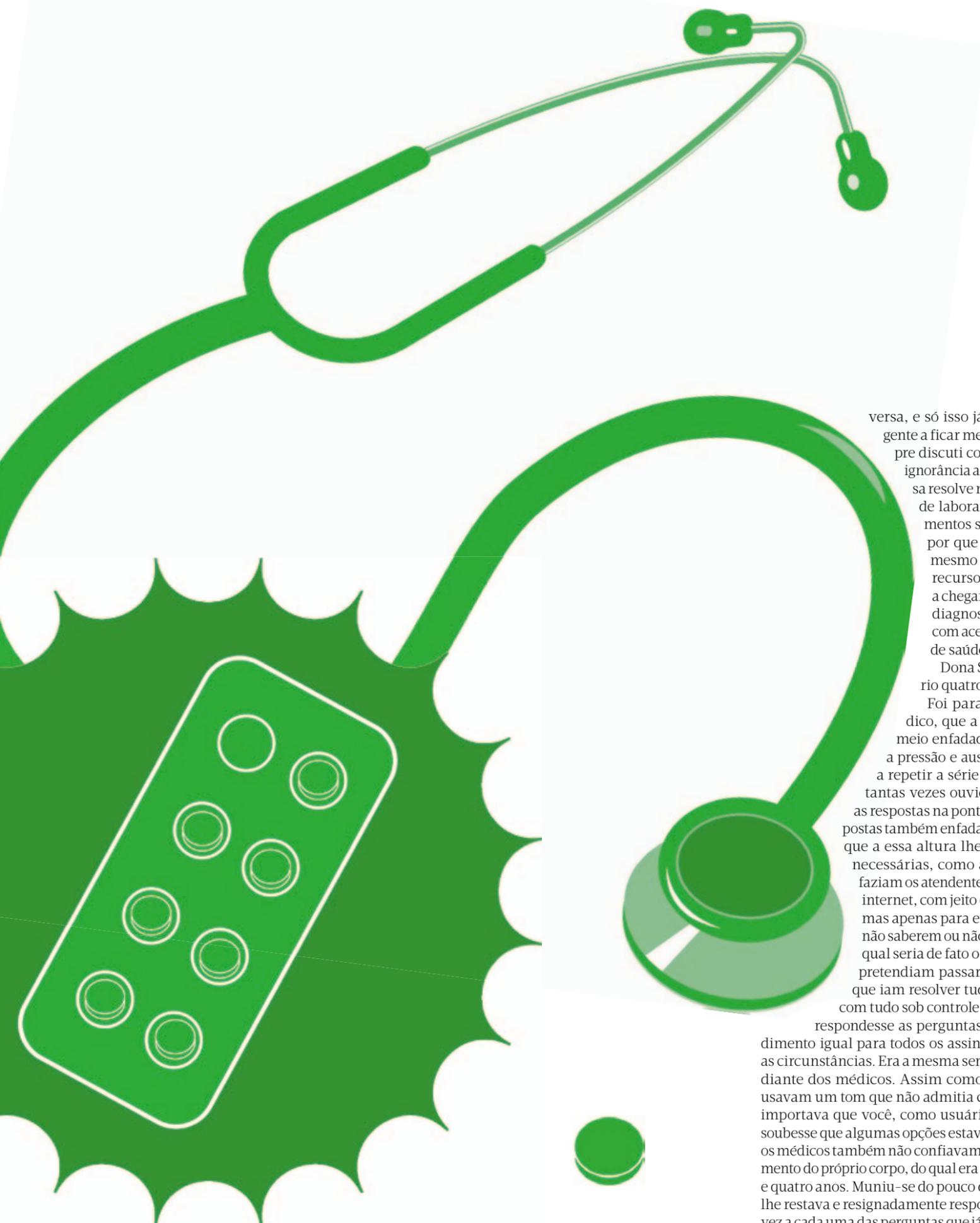
A senhora bebe bastante água? Quando espirra molha as calcinhas? Quando acaba a micção ainda fica com vontade de urinar?, perguntava perguntava perguntava e mal ouvia as respostas. Vou lhe solicitar uma avaliação urodinâmica.

O diagnóstico não era conclusivo, encaminhou-a a outro especialista.

Os médicos divergiam sobre a melhor conduta, pediam sempre mais um exame, mal olhavam para os resultados, sequer mediam a pressão, quase não desviavam os olhos da ficha ou da tela do computador enquanto a atendiam. E quando ela tentava acrescentar mais algum detalhe, alguma queixa, a

SOBRE A AUTORA

Gerusa Leal é contista e poeta com prêmio da Academia Pernambucana de Letras com *Versilencios*



solicitação de um paliativo para ajudar a suportar a dor e o desconforto enquanto não se chegava a um diagnóstico definitivo, não davam a menor importância a seu incômodo. Eram apenas sintomas. Não se tratava do seu conforto, mas da sua saúde. E encerravam a questão encaminhando-a a mais um especialista, mais um exame. De um dos médicos, antes que saísse do consultório, teve vontade, só de pirraça, de levar o celular. Depois jogava na primeira lixeira que encontrasse, o tal não a olhara uma vez no rosto. Nem quando desejou boa tarde. Poderia até ter mandado alguém se consultar por ela que teria dado no mesmo.

Ela que sempre fora tranquila, tolerante e bem disposta, não foi com o melhor dos humores que continuou a peregrinação diagnóstica.

Em casa, brigava com o marido, com o filho, por qualquer coisa sem importância; no trabalho, embora de forma contida, afinal dependia do salário e do plano de saúde que a empresa lhe pagava, as farpas eram disparadas em todas as direções, da recepcionista ao chefe, às vezes apenas diante de um bom dia. Todos começaram a tratá-la de forma condescendente e temerosa, e isso a irritava ainda mais.

Passou um mês e lá estava ela em mais uma clínica e em frente a uma nova recepcionista.

Qual é seu plano de saúde?, ela começou a chorar. Mas eu já disse três vezes, teria ouvido na primeira não estivesse namorando no telefone.

E a moça olhava assustada feito quem estivesse diante de uma louca perigosa, melhor não contrariar.

Senhora, não fique nervosa. Se acalme, me dê a carteirinha do convênio, e pode sentar. Sente e aguarde, que eu chamo, com certeza, assim que a ficha estiver preenchida.

E ia conduzindo ela até a cadeira mais distante lá no fundo da sala onde quase não havia iluminação. Precisava voltar ao balcão, muito movimento, tivesse um pouco de paciência, aceitava um café um copo d'água?

Não se incomodasse ela estava bem, se precisasse chamava, podia continuar a preencher sua ficha, ela aguardava.

A espera, como sempre, foi longa. Lembrava do dito do pai. Imaginava se vivo fosse o que retrucaria. Hoje os tempos são outros. Antigamente os médicos liam melhor os pacientes: auscultavam, tomavam o pulso, pediam pra falar trinta e três, puxavam con-

versa, e só isso já devia ajudar a gente a ficar melhor, não? Sempre discuti com o senhor: que ignorância achar que conversa resolve nada, em tempos de laboratórios e equipamentos sofisticados. Mas por que será que agora, mesmo com tais e tantos recursos, custam assim a chegar aos finalmente, diagnosticar e medicar com acerto um distúrbio de saúde?

Dona Sílvia, consultório quatro.

Foi para a sala do médico, que a recebeu com ar meio enfadado, e após medir a pressão e auscultar começou a repetir a série de perguntas já tantas vezes ouvidas que já tinha as respostas na ponta da língua, respostas também enfadadas, a perguntas que a essa altura lhe pareciam desnecessárias, como aquelas que lhe faziam os atendentes do provedor de internet, com jeito de especialistas, mas apenas para encobrir o fato de não saberem ou não quererem dizer qual seria de fato o problema, e que pretendiam passar a impressão de que iam resolver tudo, que estavam com tudo sob controle, bastava que ela respondesse as perguntas padrão, procedimento igual para todos os assinantes, em todas as circunstâncias. Era a mesma sensação que tinha diante dos médicos. Assim como os atendentes, usavam um tom que não admitia contestação, não importava que você, como usuário experiente, já soubesse que algumas opções estavam descartadas; os médicos também não confiavam no seu conhecimento do próprio corpo, do qual era usuária há trinta e quatro anos. Muniu-se do pouco de paciência que lhe restava e resignadamente respondeu mais uma vez a cada uma das perguntas que já conhecia de cor.

Contava ela isso tudo na fila do supermercado, que não andava, e não reclamava da demora pois não queria deixar de relatar nenhum detalhe para que eu visse como ela tinha razão.

Acabara se operando de emergência de uma úlcera no duodeno, isso mesmo. Uma úlcera que perfurou e que havia driblado todos os médicos e exames.

Perguntei pelo cálculo e ela fez cara de pra você ver, quando respondeu que esse não tinha mais sido detectado.

Foi expelido naturalmente?

Quem sabe?, respondeu dando de ombros. Mas eu queria saber com quem ficara magoada de verdade porque nele ela confiava de fato e a traiu?, pois foi com o cardiologista, que ao invés de prescrever um antiácido mais forte como ela havia pedido cismou de descobrir o que causava os sintomas, também dando pouca importância ao seu sofrimento, e lhe deixando sem alternativa a não ser tomar providências, afinal não era maluca.

Minha amiga pagou a conta e ao se despedir me confidenciou, ao pé do ouvido, que da próxima vez que sentisse uma cólica ia tomar um antiácido e um analgésico, e fugir dos médicos.

Que seu pai é quem tinha razão.

RESENHAS

HALLINA BELTRÃO SOBRE FOTOS DE DIVULGAÇÃO



Atenção especial a um livro menor de um grande autor

Ainda inédito no Brasil, romance *El Tercer Reich*, de Bolaño, traz excelente registro de pormenores

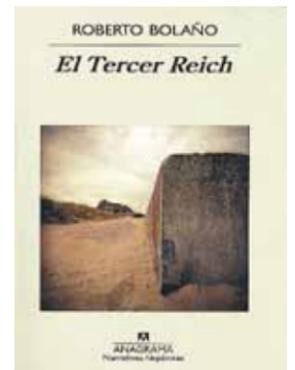
Schneider Carpeggiani

Antes de falarmos do romance *El Tercer Reich*, de Roberto Bolaño, um prelúdio para iluminar esta resenha. Vamos a ele: O melhor filme que vi este ano foi *O segredo dos seus olhos*. Já entrei em algumas boas discussões sobre as razões da minha escolha. Escutei alegações de que esse não era (pense num clichê) o melhor exemplo da recente filmografia argentina, de que o roteiro carregava no melodrama... Nunca fui além na polêmica. Digo apenas “gostei”, como se gostar fosse verbo intransitivo. Mas a verdade é que não consigo ultrapassar a pobreza do mero “gostei. Não nesse caso. Confesso que não fui assistir a *O segredo dos seus olhos* pelo Oscar de Filme Estrangeiro, pelas recomendações entusiasmadas dos amigos (um deles até chorou). Mas, isso sim, porque era uma tarde de domingo e tardes de domingo pedem coisas como uma ida ao cinema, encontrar a cidade ainda silenciosa

depois da ilusão do sábado, almoçar tarde, beber um chope, dois chopes e apenas se deixar existir em 3x4. Eu só poderia ultrapassar aquele “gostei” se, por exemplo, uma foto tivesse sido tirada. Uma mísera foto flagrando duas pessoas que não precisariam estar em qualquer outro lugar além daquela sala de cinema, ou daquela cidade, que abrigou a momentânea certeza de que o mundo, ufa, faz sentido. A imagem complementar a insuficiência do verbo. Podemos voltar a Bolaño. Em verdade, nunca saímos dele. Bolaño poderia muito bem ter feito o tal registro fotográfico. Apesar de seus livros parecerem verdadeiros épicos, o que interessa para o autor são (voltamos a elas) as histórias vividas em 3x4 que pulam no meio da Grande Trama e roubam o show. Ele é um paparazzi de anônimos tropeçando no dia a dia, em mais um dia a dia. *El*

Tercer Reich, livro póstumo, ainda inédito no Brasil, leva personagens ao balneário espanhol onde o protagonista, agora casado, viveu sua infância. Em meio às exigências do verão, um encontro acidental (acidental?) com outro casal de turistas e um sumiço que emprestará fortes cores noir aos acontecimentos. No entanto, quem conhece Bolaño sabe que o tom policialesco aqui não é o importante, e sim os desvios de caminhos, as assombrações e as banalidades. Escondido por trás da imponência dos catatais que formam seu legado, o autor sabe que nos ganha quando é certo em seu registro em 3x4. *El Tercer Reich* não é um grande Bolaño como *2666* ou *Estrela distante*, seus mais recentes livros lançados no Brasil. Mas há mérito nessas obras de qualidade em 3x4. Virginia Woolf acreditava que os livros menores de um grande autor deveriam receber especial atenção. Para ela

esses textos propiciariam a melhor avaliação de suas obras mais famosas: neles suas dificuldades soltariam aos olhos com maior facilidade, e o método posteriormente adotado para superá-las é disfarçado de forma menos engenhosa. Seriam, então os momentos menores, as obras menores, a revelação do verdadeiro fato estético?



POLICIAL

El Tercer Reich
Autor - Roberto Bolaño
Editora - Anagrama
Preço - R\$ 49,00
Páginas - 296

Mariza Pontes

NOTAS DE RODAPÉ

CLARICE EM VERSÃO POCKET

Ingressos estão à venda no site da Fliporto, mas público também verá em telão

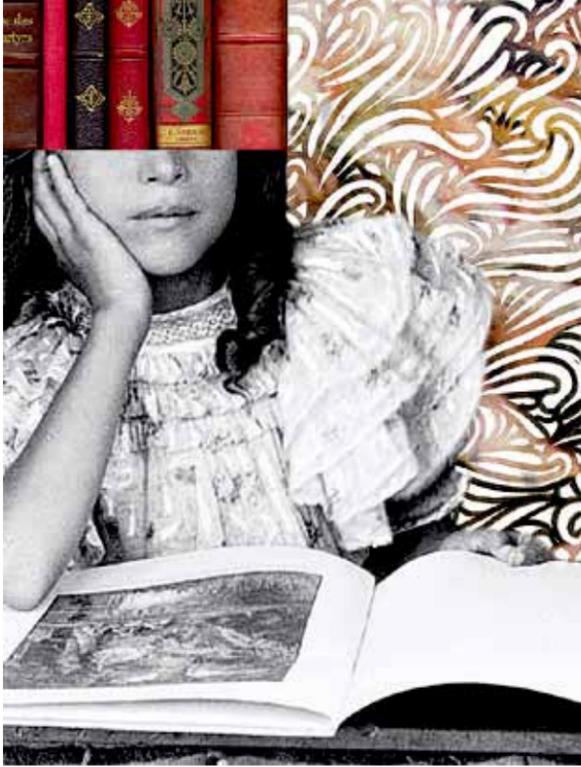
Imperdível, no encerramento da Fliporto (15 de novembro), a versão pocket do aplaudidíssimo monólogo *Simplesmente Eu*, Clarice Lispector, baseada na obra da grande homenageada da festa, com a atriz Beth Goulart (foto), que recebeu o Prêmio Shell pela interpretação, responsável também pelo roteiro e direção. A adaptação para o cenário da Fliporto ganhou

o título de *Encontro com Clarice*. Quem comprar o passaporte da Fliporto ou a mesa, terá acesso à tenda do congresso de literatura, onde será apresentada a peça, que dispõe de 798 lugares. Os ingressos estão sendo vendidos durante todo o mês de outubro, pelo site www.fliporto.net. Mas quem sobrar terá a chance de ver o espetáculo por telão, em espaço aberto ao público.

DIVULGAÇÃO



KARINA FREITAS



Fantasia para adultos

Apesar do sucesso comercial, que se deu principalmente nos anos 1980, quando autoras como Ruth Rocha e Marisa Lajolo se consolidaram, a literatura infantil ainda carece de produção crítica. Principalmente no Brasil, onde a maioria das pesquisas acadêmicas converge para a produção nacional da era pré-*Harry Potter*, *Crepúsculo* e produtos afins. Não que o inglês Peter Hunt, que está mais para Rudyard Kipling, tenha perdido tempo com eles. O estudioso de 65 anos – pai de quatro filhas – é uma autoridade no assunto. Em *Crítica, Teoria e literatura infantil*, o professor emérito da Universidade de Cardiff (na Inglaterra) lança seus argumentos contra um batido preconceito literário: o de que o gênero infantil seria sublitteratura. Essa atitude pode romper as fronteiras acadêmicas e interferir diretamente na educação infantil. Hunt,

em seu livro, atesta que o pensamento pode ser adotado nas federações de livros infantis, e, por conseguinte, na escolha do material didático. Passados quase 20 anos do lançamento de *Crítica...* em seu país natal, a obra foi atualizada. Há, inclusive, um pertinente capítulo sobre as novas mídias. **(Thiago Lins)**



ENSAIO

Crítica, teoria e literatura infantil

Autor - Peter Hunt

Editora - Cosac Naify

Preço - R\$ 59

Páginas - 326

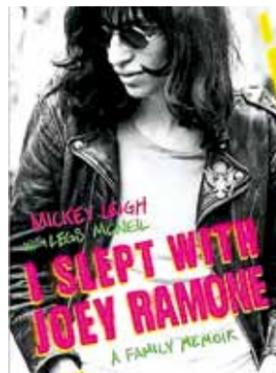
REPRODUÇÃO



We're (not) a happy family

“Só porque você é inteligente, não quer dizer que seja melhor do que os outros, nem que você vá conseguir”. No começo dos anos 1970, o delinquente juvenil Douglas Colvin não fazia ideia do quão profético teria sido ao provocar seu amigo e então CDF Mickey Leigh. O primeiro viria a se tornar o ícone *punk* Dee Dee Ramone (1952-2002), já o segundo... Bem, Mickey até hoje é conhecido como o “irmão caçula de Joey Ramone (1951-2001)”. Mickey também é guitarrista e vocalista. Mas agora resolveu dar uma de escritor lançando *I slept with Joey Ramone*, numa parceria afiada com o lendário Legs McNeil (autor de *Mate-me por favor*, o documento definitivo do *punk rock*). Como toda a obra dos Ramones, *I slept* é adolescente, fluente como um romance de (de)formação. É o documento mais completo na bibliografia

dos nova-iorquinos. Tudo o que os registros anteriores deixaram de fora “delicadamente”, está em detalhes aqui: o crônico transtorno obsessivo compulsivo do vocalista, o “sequestro” de sua namorada por Johnny Ramone (1948-2004) e as arbitrariedades do mesmo na regência da banda. **(Thiago Lins)**



BIOGRAFIA

I slept with Joey Ramone

Autor - Mickey Leigh e Legs McNeil

Editora - Touchstone

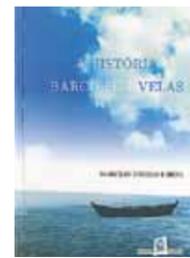
Preço - US\$ 19 (na Amazon.com)

Páginas - 416

PRATELEIRA

A HISTÓRIA DO BARCO SEM VELAS : FILOSOFANDO SEM APERREIO

Primeiro livro do professor caruaruense, que utiliza sua formação diversificada, em áreas que vão da Educação Física à Administração Esportiva e Marketing, passando pela Psicologia Cognitiva, para, ao longo do texto, conversar fluidamente com o leitor. Ele formula e responde questões filosóficas sobre a existência, os meandros da mente humana, sentimentos antagônicos como o amor e o ódio, o poder do dinheiro, o livre



arbitrio e outros temas, sem se deixar prender pelas barreiras burocráticas que costumam tolher os textos de inspiração acadêmica.

Autor: Marcílio Ângelo e Silva

Editora: Bagaço

Páginas: 112

Preço: R\$ 15

UMA PARADA SELVAGEM: PARA LER AS ILUMINAÇÕES DE RIMBAUD

O livro trata de *As Iluminações*, de Arthur Rimbaud, traçando reflexões sobre sua produção literária e a caracterização do poema em prosa. Chama atenção para pontos fundamentais da poética de Rimbaud, estabelece uma relação entre sua vida e sua obra, aponta uma descontinuidade do seu estilo ao mesmo tempo que enfatiza sua modernidade



e mostra como sua fase inicial já continha as bases para a construção da poética de *As Iluminações*.

Autor: Adalberto Luis Vicente

Editora: Unespe

Páginas: 121

Preço: R\$ 24

DESCOMPASSO DO TEMPO

Misturando crônicas e memórias, a autora trata do cotidiano de personalidades da sociedade pernambucana, mesclando temas como a solidão, o amor, a passagem do tempo e a consolidação da amizade, procurando resgatar memórias de infância, as lembranças e a solidariedade que movem as pessoas nos momentos difíceis. Psicóloga, delegada e poetisa, ela reafirma seus



compromissos existenciais e a preocupação com aspectos sociais, principalmente quando envolvem a mulher.

Autor: Salma Bandeira de Mello

Editora: Livro Rápido

Páginas: 169

Preço: R\$ 35

EM TRÂNSITO

O livro de poemas de Alberto Martins identifica-se com o cotidiano do leitor urbano, servindo ao autor para construir uma delicada narrativa, em que enfatiza os momentos contemplativos durante seus pequenos trajetos aleatórios, como a ida ao trabalho ou os instantes de apreciação da natureza. O autor oferece uma percepção contundente da passagem do tempo, dos frágeis componentes da vida, e da experiência humana, temas que desde sempre afligem e



oprimem a humanidade, sem nunca deixar de celebrar a grande alegria de viver.

Autor: Alberto Martins

Editora: Companhia das Letras

Páginas: 112

Preço: R\$ 33

PRÊMIOS

Anúncio de vencedores no encerramento da festa

No encerramento da Fliporto também serão anunciados os vencedores do TOC140 - Literatura no Twitter, concurso de poesia digital com 140 toques, e do IV Prêmio Internacional Poema ao Vídeo, que visa estimular a produção, leitura e interpretação de poemas. Os concursos são interativos: os vencedores passam por uma classificação de júris especializados, mas a palavra final é do público, que vota online.

NOVA BULGÁRIA

Rifa definirá destinos do país fictício

Os organizadores da FreePorto, que começa em dezembro, iniciaram a venda de territórios e cargos da Nova Bulgária, como redefiniram a ilha do Recife, para angariar fundos. A rifa leva a um jogo onde os cidadãos podem interferir nos destinos do país. As províncias serão vendidas a R\$ 20,00, no site www.freeporto.com.br. Pagando R\$ 5,00 conquista-se direitos como dormir na rua, recitar nas pontes de madrugada etc.

PARCERIAS

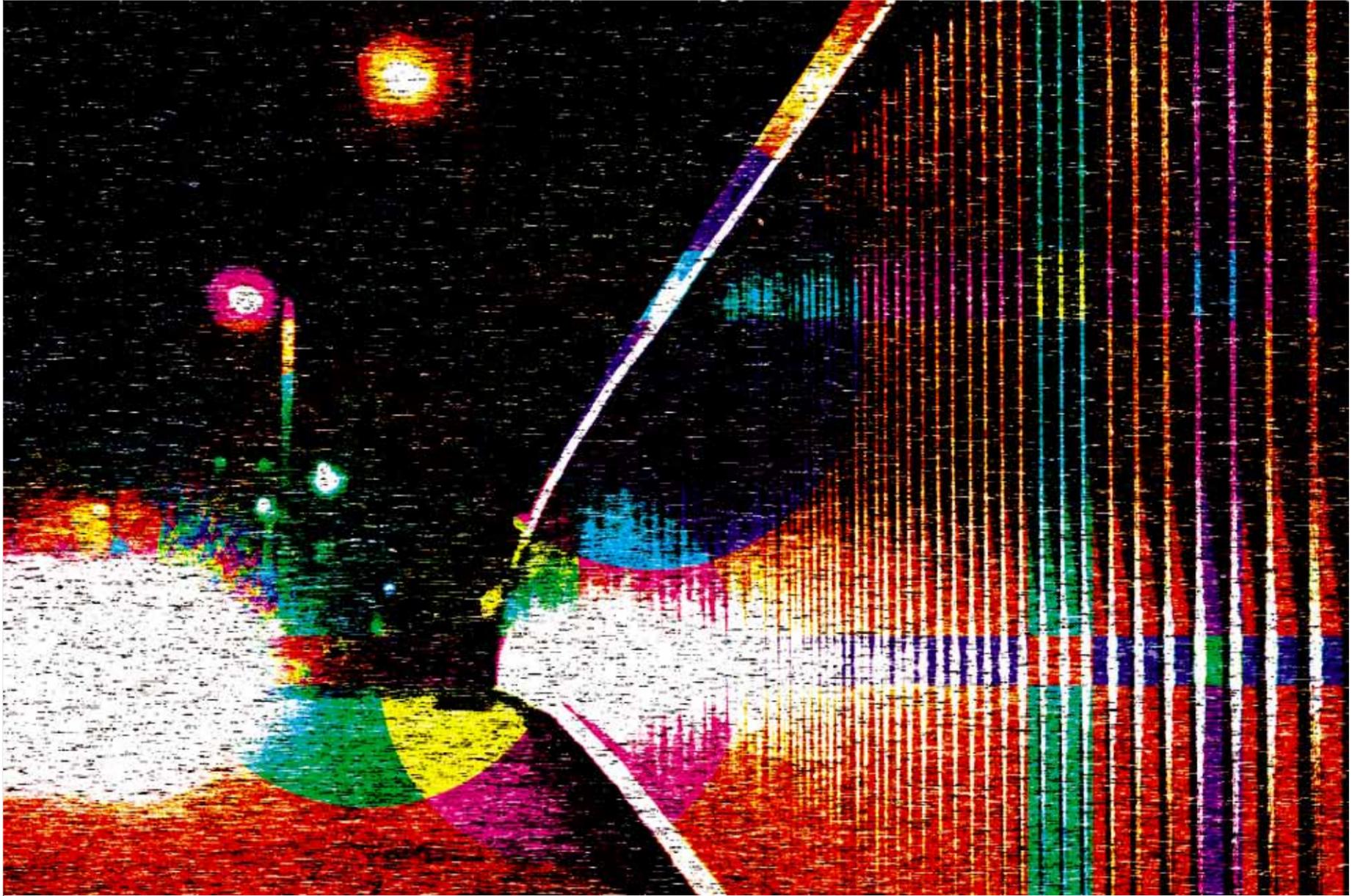
Batalha para viabilizar presenças vips na Fliporto

Os freeportianos também estão fechando as últimas parcerias de patrocínio. Quem estiver interessado pode entrar em contato com a equipe pelo e-mail freeportofestaliteraria@gmail.com e solicitar uma visita. Este ano os três escritores homenageados são Campos de Carvalho, Lucila Nogueira e Silvana Menezes. Quem patrocinar a festa estará ajudando a trazer nomes como Mário Prata, Nicolas Behr e Marcelino Freire.

ARTIGO

Eduardo Brandão

HALLINA BELTRÃO



A difícil missão do intermediário das palavras

O tradutor, de certo modo, é um profissional das sombras. Não que se envolva nelas para, sorratamente, na primeira oportunidade, cravar um punhal traiçoeiro nas costas do autor, e de quebra ferir o coitado do leitor. Mas porque seu lugar, vamos dizer, funcional é à sombra do autor: é nesse que a luz incide, e deve incidir. É dele a obra. É ele o criador. É o nome dele que aparece na capa e na lombada. O do tradutor, geralmente, apenas na página de rosto, quando muito um editor mais generoso o põe na quarta capa. Você talvez ache esquisito que num mundo em que os holofotes parecem ser tudo alguém opte por ficar à sombra. “Este cara – a esta altura você já percebeu que sou tradutor – deve morrer de medo de se expor!” Mas a gente se expõe sim. O que o tradutor leva de pancada você não imagina. Os italianos, com aquele seu veneno renascentista de que usaram e abusaram nas lutas pelo poder, príncipes nele foram os Bórgias, chegaram a cunhar um dito peçonhento: traduttori, traditori, tradutores, traidores. O autor comete uma passagem infeliz? O tradutor respira fundo e a reproduz: não cabe a ele corrigir o autor (salvo com o consentimento deste, se vivo: correção psicografada não vale). O leitor percebe a falha e não hesita: “Este tradutor é um traidor!” Natural, depois

de tantos séculos e tanta gente dizendo isso... Deve ter até quem ache que só existimos para atraiçoar o autor. Mas não é essa nossa razão de ser, você sabe. Modéstia à parte: à sombra e tomando água fresca, o tradutor cumpre uma função imprescindível, a comunicação entre povos de fala diferente. A certa altura da *Educação sentimental*, Flaubert aponta que há homens que têm como missão servir de intermediários; você os atravessa como uma ponte, diz ele, e segue em frente. O tradutor é uma ponte assim, que leva o autor estrangeiro a seu leitor e vice-versa. Voltando ao jogo de luzes e sombras. Faz uns anos, circulava com certa desenvoltura a ideia de que tradução é recriação, o que tornava de certo modo o tradutor um coautor. Isso pode ser verdade na poesia, onde o poeta que verte outro poeta cria um novo poema, de que o original é a matéria-prima. Para citar um pernambucano, é só ler as traduções do Bandeira. Mas na prosa essa ideia é incabível, salvo em casos excepcionais. Nela, a tradução perfeita seria a que replicasse tal qual o texto original, criando como que um clone deste na língua do tradutor, feito aquela simpática ovelhinha, como se chamava mesmo, Dolly? Meta inalcançável, claro. Nessa impossibilidade, o tradutor, fixando sempre

essa estrela guia, trata de se manter fiel a seu autor, à letra do seu texto, ao seu estilo. Isso do estilo é uma questão muito séria. Outro dia mesmo foi levantada pelo Paulo Bezerra, esplêndido tradutor de Dostoiévski. Numa entrevista mostrava ele como as traduções antigas deformaram a escrita: nossos tradutores verteram de segunda mão, geralmente das péssimas (isso o Bezerra não disse, digo eu) traduções francesas do século 19 começo do 20, que edulcoravam a linguagem rude do russo genial. Bezerra a restitui, essa rudeza, como aliás as novas traduções que vêm sendo feitas na França. Às vezes, um autor de estilo enrolado, que o tradutor tem de respeitar, provoca novas lambadas no tradutor: “Eta tradução enrolada!” Nem passa pela cabeça do leitor que é uma característica do autor. O tradutor, ao escrever sua tradução, se esforça por se anular como escritor. Pronto, lá vem você outra vez: “Não disse que este cara tem um problema? Acha o máximo se anular!” Acho mesmo, mas isso só mostra que o tradutor é um ser perfeito, além de sábio e inspirado. Não é pretensão minha, não, quem diz assim é uma máxima taoísta, e com taoísta não se discute, que eles sabem das coisas. Olhe só: “O homem perfeito não tem eu [o tradutor se anula], o homem inspirado

não tem obra [ela é do autor], o homem sábio não deixa nome [quem deixa é o autor].” Viu? Bom, tudo isto vem à baila por causa de um autor que traduzo desde a primeira obra sua publicada aqui (*Noturno do Chile*, em 2004): Roberto Bolaño. Só não verti uma, *Estrela distante*, que ficou aos cuidados do Bernardo Ajzenberg. Os refletores já tinham se acendido sobre *Os detetives selvagens*, a segunda a sair no Brasil, que demonstrava ser Bolaño um marco da literatura hispano-americana contemporânea. Este ano focaram-no a plena luz com o lançamento de *2666*, que o confirma como um dos mais importantes autores do século 21 e teve uma formidável repercussão, aqui e no mundo todo. Foi tanta luz, que até o tradutor saiu da sombra. (Fico imaginando como deve se sentir o bacurau quando o farol do carro bate em seus olhos.) E tome telefonema e e-mails indagando sobre o mister de tradutor, sobre minhas traduções do Bolaño, sobre ele, sua obra, até artigo me pedem, como você está vendo. Bem, já disse o que penso sobre meu ofício, como procuro exercê-lo e como é portanto o trabalho (prazer imenso) de traduzir Bolaño. Agora vou fazer que nem o bacurau: voar de volta pra sombra, vai que o carro me atropela...

SOBRE O AUTOR

Eduardo Brandão é escritor e tradutor da obra de Roberto Bolaño lançada pela editora Companhia das Letras